



MARGINALDADE



Dos tempos do Colégio Júlio de Castilhos

686534

A primeira lembrança que tenho de Lauro Hagemann é do meu tempo de estudante do colégio Julinho. Fazia política estudantil – militávamos – pela base do PCB (Partido Comunista Brasileiro), alguns anos mais tarde conhecido por Partidão. Sem saber que o deputado Lauro, do MDB, já era um integrante do Partido, fomos até ele, em comissão, para solicitarmos que se pronunciasse contra as atitudes repressivas de fechamento do Grêmio Estudantil. Esta lembrança mais remota é definitiva.

Em vários outros momentos estivemos juntos: nas atividades do movimento sindical, em especial no Sindicato dos Jornalistas. E, por último, de forma mais próxima, quando de seus mandatos de vereador, na Câmara Municipal de Porto Alegre, representando de forma legal o velho PCB. Lauro Hagemann sempre esteve de um lado.

Quando esta turma do 3x4 decidiu por um jornal sobre os marginais, sobre pessoas que estão ou estiveram à margem, fiquei entusiasmado. Afinal, não canso de assinalar que jornalismo é subversão. E que, antes de saber escrever, é preciso aprender a escutar. Ao mesmo tempo fiquei preocupado com o desafio. A entrevista com o Lauro é da maior significação. Uma pessoa que passou boa parte de sua vida caminhando no fio da navalha entre a legalidade e a ilegalidade. Militante do PC e locutor da Rádio Guaíba, além de líder sindical. Uma parte desta história está contada nessa edição do 3x4.

É preciso assinalar ainda a preocupação que sempre tenho de possibilitar que os alunos – através da história de pessoas com bem mais idade – consigam ampliar suas respectivas enciclopédias. Vou arriscar dizer que não se faz jornalismo sem a construção permanente de uma memória.

O trabalho com esta turma foi prazeroso, solto. Tudo indica que realizaremos no próximo semestre uma boa revista Sextante. Poderia ressaltar outros aspectos desse convívio, mas preferi destacar a importância da entrevista realizada.

Prof. Wladimir Ungaretti (wladimirungaretti@hotmail.com)

Quem são os nossos marginais

Um jornal começa a ser lido pela capa. A frase óbvia serve para explicar a nossa dificuldade ao pensar em uma imagem para dizer ao leitor o que esperar dessa edição sobre marginalidade sem cair em um clichê: um rosto, um olhar excluído.

O mesmo receio da capa se repetiu durante todo o processo de construção dessa publicação. Como mostrar o que é marginal contando uma história que ainda não tenha sido contada.

O marginal longe do esquema moradores de rua / abandonados / famintos.

Viver à margem pode ser qualquer coisa que desafie a ordem vigente, o comum. É levar o cinema para quem assiste filmes em TV. É praticar uma religião minoritária em nosso país. É viver no enfrentamento da sociedade, sem deixar de pertencer a ela.

Para falar de marginalidade é preciso também, falar daquilo que já foi marginal e não é mais. É preciso falar de comportamento, e também do que nunca esteve à margem: a política.

A marginalidade está em nosso olhar sobre a sociedade. Esse jornal reflete uma turma heterogênea, mas que, pretensamente encontrou um recorte para o que é marginal por estar à margem. E, muitas vezes, ao derrubar e recuperar pautas, nos pusemos em situações marginais. A marginalidade também pode ser uma forma de posicionamento ante as outras pessoas.

Esse 3x4 é feito dos olhares desta turma sobre aquilo que pode, ou não, estar à margem. Depende de que lugar cada um posiciona o seu olhar.

Comissão Editorial



Redação

Ana Lúcia Mohr, Camila Mozzini, Caroline Borges, Douglas Carvalho, Felipe Schroeder, Filipe Peixoto, Gabriela Haas, Gilmar Splitt, Guilherme Villa Verde, Jacqueline Pasini, Juliana Wecki, Lucas Rizzatti, Maria Lina Colnaghi, Nathália Ely, Paulo Azevedo, Pedro Argenti, Régis Machado, Tássia Kastner

EXPEDIENTE

Três por Quatro é uma publicação da disciplina de Redação Jornalística IV, produzida pelos alunos de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

Comissão Editorial

Camila Mozzini, Maria Lina Colnaghi, Paulo Azevedo, Pedro Argenti e Tássia Kastner

Projeto Gráfico e diagramação:

Pedro Argenti e Tássia Kastner

Revisão

Camila Mozzini, Maria Lina Colnaghi, Pedro Argenti e Tássia Kastner

Orientação

Wladimir Ungaretti

Deuses na decadência

Cinemas marginais resistem à modernidade com shows de sexo ao vivo

Rua Voluntários da Pátria, 615. A poucos metros do viaduto da Conceição, no coração da cidade, num vão entre a galeria Santa Catarina e uma garagem de carros, se espreme o Cine Apolo, um dos últimos cinemas de rua de Porto Alegre.

Apolo, deus da luz e do sol na mitologia greco-romana, ilumina o palco do modesto salão aos protagonistas do espetáculo erótico ao vivo. Ali, de segunda a sexta, às seis e meia da tarde, um casal de atores exhibe os corpos nus e os malabarismos aos olhares indiscretos daqueles que pagam para ver as peripécias dos esforçados parceiros do sexo. O Apolo e o Atlas, que fica na Júlio de Castilhos, a duas quadras de distância, são as únicas salas de cinemas da Capital que oferecem esse tipo de show no intervalo dos filmes pornográficos. No Atlas, as apresentações são às terças, quintas e sábados no meio da tarde.

Sexta-feira, 03 de outubro. Saída do trabalho, hora do *rush*, pressa, barulho, movimentação de centenas de carros, ônibus e milhares de pessoas que voltam do trabalho para suas casas na região metropolitana. É ali, no meio dessa efervescência, passados alguns minutos do horário marcado, que troco R\$ 7,00 na bilheteria do Apolo por uma ficha metálica que libera a roleta e permite acessar o espaço escuro.

Primeira constatação: o show é pontual. Percebo que o casal de atores já está se exibindo no estreito espaço encostado na tela de pano lá na frente. Fico parado uns minutos até que meus olhos se acostumem com a escuridão da entrada e eu consiga visualizar o local mais adequado para sentar e fazer minhas observações. Um único e largo corredor central, ladeado por fileiras de poltronas vermelhas, vai se tornando mais nítido conforme avança o degradê de luz em direção ao cenário pobremente montado. Escolho um assento mais ou menos a uns vinte metros do palco, onde Luan – descubro o nome mais tarde – e sua parceira se exibem em cima de um sofá roxo para um público disperso na penumbra.

Ele, um homem com várias tatuagens nos braços e pernas, muscu-

latura esculpida em ferros de academia, traz um lenço tipo pirata amarrado na cabeça e calça botas pretas de cano longo. Ela é magra, cabelos pretos, compridos, levemente ondulados e usa apenas um par de sapatos abertos.

O jogo dos corpos é quase em câmera lenta, morno, sem graça, não se ouve um ruído, qualquer exaltação



"Para nós sempre foi uma coisa profissional, só pelo dinheiro realmente"

que vá além do ato mecânico em si. Real, porém previsível, enfadonho. Nada que justifique a atenção de alguém por mais de alguns segundos. Mesmo assim, a platéia não tira os olhos da cena.

Aproveito para observar em volta, levantando os detalhes do ambiente e dos frequentadores. Às minhas costas, por onde se entra no cinema, não se enxerga praticamente nada. Conforme os olhos percorrem em direção contrária, a luz do palco deixa ver uns vultos sentados e outros que se dirigem ao banheiro lá na frente. Ninguém sai, mas alguns ainda chegam atrasados. Um segurança volta e meia ameaça um passeio pelo corredor, mas não passa do meio do salão.

O espetáculo dura vinte minutos. Cinco do *strip* feminino – que perdi por ter chegado atrasado – e quinze de sexo. Ao final desse tempo, ouvindo atentos registram um sinal sutil, como se fosse uma batida de palmas, e o show termina. Luan ensaia um agradecimento desajeitado com o corpo, enquanto sua parceira pega as peças de roupa despidas ao lado do sofá, e ambos descem a escadinha lateral que leva a um camarim improvisado nos fundos. Na sequência, as lâmpadas do tablado são desligadas e

guma coisa. Explico que sou estudante de jornalismo e pretendo falar com o casal que faz o show. "Luan? Ele não gosta de dar entrevista".

Luan surge na porta. É mais baixo do que parece à frente da audiência, jeito de poucos amigos. O rosto sofrido e com alguns vincos demonstra uma idade que provavelmente já vai além dos trinta anos. Enquanto pega rápido o cachê na bilheteria, me identifico e pergunto se podemos conversar.

Luan aponta para um dos senhores de cabelos grisalhos, que suponho ser o dono do cinema, e responde "é com ele ali". Olho para trás, ao mesmo tempo em que Luan desaparece dentro da sala escura. Nem ele nem sua companheira retornam até que eu vá embora. Os homens grisalhos saem para tomar um café. Os motoqueiros, que eu ainda não sei quem são, se preparam para ir embora.

Dirijo-me até Lúcia, que fica sentada na pequena salinha da bilheteria e pergunto se Luan é assim, sempre arredio. Ela responde que é um cara desconfiado e não dá conversa. O casal de motoqueiros caminha até a moto, estacionada num vão curto na entrada do prédio. Lúcia sugere que eu os entreviste. Pergunto por que deveria. Ela afirma que eles também fazem shows de sexo ao vivo. Surpreso, pergunto a Lúcia o nome deles. Márcio e Valéria. Como eles já tinham ouvido minha conversa com Lúcia e Luan, vou direto ao ponto. Antes que eles subam na moto, chamo Márcio pelo nome e o convido para falar um pouco sobre a apresentação deles.

Para minha sorte, Márcio diz que não há problemas. Ligo o gravador, explico os objetivos do trabalho e faço perguntas sem roteiro programado. No espaço minúsculo da entrada do cinema, ficamos em pé ao lado da moto atravessada quase no meio da porta.

Gilmar Splitt
gsplitt@gmail.com

GILMAR SPLITT

Márcio e Valéria são jovens, na faixa de uns vinte e cinco anos. Os nomes são verdadeiros, mas o sobrenome eles escondem. Baixo e musculoso, cabelos curtos, óculos de grau, aparência amigável, se poderia apostar que executa qualquer ofício, menos o de ator de sexo. De fala mansa, se mostra desconfiado, monossilábico, estranhamente tímido. Valéria é da mesma altura do companheiro, morena de cabelos pretos pelos ombros, magra, ar sério, não tem nenhum atrativo que indique sua condição de atriz pornô. Quieta, acompanha a conversa, concordando com a cabeça nas afirmações do marido. Apesar da aceitação em conceder a entrevista, Márcio não se sente à vontade. No entanto, revela que são casados há oito anos e fazem shows desde setembro do ano passado. "Já faz um ano e um mês". Atualmente, trabalham todos os dias, ora no Apolo, ora no Atlas, revezando as atuações com Luan. Com frequência, fazem dois espetáculos no mesmo dia. Sexo em casa, "só uma vez, aos domingos".

Precisando de dinheiro, a oportunidade surgiu quando "Luan pediu ajuda para arranjar uma companheira para ele. Depois ele começou a faltar e eu e ela (refere-se à Valéria) viemos assistir a um show dele, como curiosos, e vimos que dava para a gente fazer... Aí conversamos com o Marcos (o dono dos dois cinemas, mais o Áurea, que só exhibe filmes pornôs), fizemos um teste e foi indo até hoje". A dupla não tem nenhum curso de teatro ou preparo técnico nas artes dramáticas, mas considera o ganha-pão um trabalho artístico, não pornográfico. "Para nós sempre foi uma coisa profissional, só pelo dinheiro realmente".

Mesmo com toda a experiência de mais de um ano de atuação e de sua *partner* ser a própria esposa,

Márcio diz que já falhou algumas vezes, mas dá para disfarçar, improvisando na coreografia. Porém, ele garante que não toma nenhum estimulante. "É ela (Valéria) que me excita... Com outra eu não ia conseguir". No início, foi bastante difícil. Levaram uns três meses para conseguir relaxar em cena. "Hoje nós nem estamos para o público, é como se estivéssemos em casa". Além dessa jornada de sexo explícito, Márcio e Valéria atendem "eles, elas e casais" quando surge um convite.

Encerro a primeira parte da entrevista, com a disposição de Márcio de



Pedestres são convidados a entrar na sala da Avenida Júlio de Castilhos, 450

que eu o procurasse em outra oportunidade, caso necessário. Márcio e Valéria colocam o capacete, sobem na pequena moto vermelha e vão embora.

Shows recebem todo tipo de público

Terça-feira, 07 de outubro. Cine Atlas, Avenida Júlio de Castilhos, nº 450. Atlas, assim como Apolo, era um dos deuses do Olimpo, representante de uma geração de seres violentos e monstruosos. Na ebulção do centro da Capital gaúcha, Atlas é um prédio velho, posicionado quase ao lado da poderosa Igreja Universal do Reino de Deus, a uma quadra da Estação Rodoviária de Porto Alegre. Dessa vez, meu objetivo é acompanhar o show desde o início, observar as diferenças entre os dois cinemas e pegar informações complementares com Márcio e Valéria. Ainda mais pobre que o Apolo, nessa sala o ingresso igualmente custa R\$ 7,00 e o início do show é sempre pontual. Chego exatamente às 3 e meia e as únicas lâmpadas acesas são os que iluminam a bailarina, que começa a tirar a roupa e a dançar em movimentos ensaiados.

A distância da porta de acesso ao palco é bem menor que no Apolo. Calculo que deve ter uns 20 metros, mas a largura parece maior. São três fileiras de poltronas, cortadas por dois corredores estreitos. Isso permite que a luz sobre os atores ilumine de leve o ambiente até as últimas cadeiras. Sento, primeiramente, num lugar central e conto trinta e duas pessoas comigo. As paredes claras são visivelmente mal cuidadas; as poltronas, velhas e desconfortáveis, e o sofá que serve de única peça do cenário não esconde – mesmo visto de longe – o estado precário. O público é composto de homens,

eletrônica e sob os olhares silenciosos da platéia. Porém, antes do final vou embora, sem as respostas que procurava.

14 de outubro, Cine Apolo ao final da tarde. Boa parcela da massa trabalhadora da cidade se concentra nas imediações da Voluntários da Pátria, nas longas filas dos ônibus metropolitanos que partem lotados nesse horário.

Dessa vez, me certifiquei por telefone da presença de Márcio e Valéria. A mesma dança de cinco minutos, os malabarismos cronometrados, as variações ensaiadas, uma música romântica. Doze espectadores presentes. No final do encontro, apagam-se as luzes do palco e na tela de pano brilha para mais um filme pornô.

Espero o casal na rua, longe das vistas do pessoal do cinema. Uns dez minutos depois, Valéria sai, seguida por Márcio. Ao ser abordado, ele alega estar com pressa. Insisto que são apenas três ou quatro questões pendentes. As pessoas passam e olham a cena incomum: um homem com um gravador na mão apontado para o rosto de um casal em frente a um cine pornô na beira de uma calçada mal iluminada. A conversa, ao lado de um container de lixo, se torna travada. Entendo a preocupação de Márcio em não se expor na frente do local de trabalho, aos olhos dos passantes.

Márcio e Valéria moram em Porto Alegre, mas não revelam o bairro. Eles me explicam que ninguém sabe dessas funções; portanto, não se sentem vítimas de preconceito por conta da profissão. Logo adiante, ele confessa que a mãe sabe dos shows, mas não se importa. Referem que têm um filho de cinco anos, obviamente alheio à situação. Questiono se não seria um choque a descoberta, por amigos ou parentes, das atividades que eles exercem. "Estamos preparados, pois é esse trabalho que fazemos para pagar as contas".

Dois catadores de papel param ao lado do container para ouvir a conversa. Márcio não gosta da aproximação e usa o motivo para ir embora. Fim da entrevista. Ônibus aceleram rumo à Avenida Farrapos. Apolo e Atlas lutam contra a modernidade, empurrados pela força de trabalhadores braçais, de desocupados, curiosos, solitários, de todos aqueles que buscam o prazer disponível numa sala sombria de cinema longe dos *shoppings*.

Personagens da vida

Nathália Ely*
nathi.es@gmail.com

Quando a idade obriga a viver à margem

A vida, assim como muitas histórias contadas ao longo do tempo, é uma história que abriga personagens principais, um núcleo central e os que estão por volta. Jovens, os protagonistas passam a papéis secundários quando a idade chega. E as falas desses personagens quase não são notadas, pois ficar à margem é a função que lhes cabem nessa narrativa. Seu Walter e Dona Maria são alguns desses personagens que estão nessa condição devido à idade. Eles fazem parte de um número de idosos que já não integram o meio social. O caminhar lento e os braços que já não suportam tanto peso são algumas das conseqüências do passar dos anos. O pensamento e a fala também já não possuem a mesma agilidade. As dificuldades trazidas com o tempo transcorrido também perturbam o convívio igualitário.

Sem espaço na sociedade, a solução é abrigar-se fora dela e encontrar uma maneira de continuar a escrever suas histórias. O abrigo pode vir de diferentes formas – há os que tomam a rua como lar, outros são levados a uma casa onde convivem com demais idosos, e ainda aqueles que, após viver uma vida agitada, optam por retirar-se em um asilo, onde encontram companhia, o carinho de funcionários e até motivação para trabalhar.

A rua como lar

A rotina começa cedo na Rua Laurindo, afinal, antes das oito horas, Seu Walter e Dona Maria devem deixar o local onde passaram a noite, abaixo do telhado do mini-mercado. Seu Walter arruma os panos e cobertores que os abrigaram do frio da madrugada, materiais doados pelos moradores das residências do local. Assim como as cobertas, os alimentos também são fornecidos pela comunidade.

Walter guarda tudo entre os galhos de uma árvore em frente ao mini-mercado. As tábuas, utilizadas para parar o vento que entra pela lateral, divisa entre um prédio e outro, são colocadas juntamente com os demais pertences do casal. Dona Maria caminha pela calçada. E entre gritos e



CAMILA MOZINI

Caminhada matinal: séria e sem vontade de conversar, Dona Maria anda na calçada da rua Laurindo, o seu lar

resmungos, eles se comunicam. É seu Walter chamando-a. Uma Kombi se aproxima mostrando que é hora de ir embora. Os donos vieram abrir o estabelecimento.

No dia seguinte retorno ao local para conversar um pouco com eles. Uma colega chega antes e já tenta iniciar a conversa. Chego quando Seu Walter já está terminando de guardar os objetos. A aproximação é difícil. Sem nos encarar, ele fala pouco. O diálogo não flui. Mal conseguimos descobrir seu nome. Ao perguntarmos a idade só ouvimos "Ah, muito tempo". Dona Maria se aproxima e não gosta da nossa presença. "O que vocês querem?" "A gente quer entrevistar vocês". "Mas entrevistar por quê?"

Tentei descobrir o que eles faziam durante o dia. Seu Walter me olha com o canto de um olho (o outro, machucado, está completamente fechado) e me diz que trabalha como porteiro em um restaurante. Agitada, Maria começa a pegar suas coisas e a se retirar. Walter a segue. Vamos atrás, mas de nada adianta. A primeira lotação passa e eles embarcam.

Eu me pergunto por que a nossa companhia os perturba. Será que eles já sofreram violência e maus tratos e por isso são receosos? Ao questionar, seu Walter nega. Mas não é o que nos afirma Aida da Silva Costa, de 66, anos, mulher de Ângelo Candia, de 66, o dono do mercado que abriga o casal. Ela garante que os idosos já sofreram agressões e tiveram seus

materiais roubados inúmeras vezes. Maria também tem problemas físicos. Aida diz que já viu Maria fazendo necessidades físicas na rua e percebeu que ela tinha ruptura de útero. A comerciante disse que já tentou ajudá-los, oferecendo-se para levá-los a um asilo. O casal, no entanto, negou, pois sabiam que a ida pra um local desses implicaria em dormir separadamente.

Aida não foi a única a propor auxílio. O taxista Brauriano Barcelos de Fraga já conversou com seu Walter para ajudá-los a se aposentarem. Ele não aceitou. "Sinto muita pena, porque se fossem bagaceiros... eles são gente. São gente finíssima, só que são abandonados, desprezados", afirma o taxista. Conforme Fraga, ele é da Vila São José e ela é do Beco do Carvalho e há 30 anos eles ficam na Praça Jerônimo de Ornelas.

À noite, por volta das oito horas, o casal retorna e aguarda Aida e Ângelo fecharem o mini-mercado. Ai então, eles montam a cama para mais uma noite na rua.

Seu Walter diz que agora, depois de velho, não precisa mais de uma casa. Alguns idosos, entretanto, encontram em lares construídos para recebê-los, a única forma de continuar a viver.



O casal precisa arrumar a cama antes da abertura do minimercado

Por trás dos muros

Ao chegar à Rua Gonçalves de Magalhães, em Alvorada, não enxergo a moradia que fui visitar. Um muro alto a esconde e oculta também seus moradores. Segundo Fernanda Silva e Silva, de 57 anos, que junto com o marido, Vanderlei Dias Fagundes, de 37, coordena o Lar para Idosos Cantinho dos Avôs, essa foi uma das maneiras de controlar conflitos com alguns vizinhos, que queriam o fechamento do local. No início do funcionamento do lar, aberto em 1996 com duas idosas, as pessoas reclamavam. Hoje os velhinhos não perturbam a vizinhança. O problema não era o barulho ou o mau cheiro que poderia vir da casa. A questão era visual: "Eles dizem que é uma visão do inferno", afirma Fernanda. Ela conta que uma das vizinhas chegou a afirmar que o lar não poderia existir ali porque esse era um bairro residencial. "Quer dizer, eles (os idosos) são bichos. Porque é residencial não pode ter outros seres humanos?".

Pessoas que só têm algo diferente de nós: a idade. Com ela algumas doenças. Como o Alzheimer que castiga seu Ênio, de 74 anos. Ele acompanha com os olhos o meu caminhar pela casa. Quando eu paro na sala em que ele se encontra, logo se levanta e oferece-me a cadeira para sentar. Agradeço e aproveito para perguntar o que ele faz. "Eu trabalho aqui!" "E o que o senhor faz?". "Ah, de tudo! O que tiver para fazer eu faço!". "E onde o senhor mora?". "Na São Manoel, em Porto Alegre". Mais um pouco de conversa e ele me diz que quer ir à farmácia.

Farmácia. Uma recordação do mundo fora do Lar. Às vezes, quando Vanderlei precisa ir comprar medicamentos, ele leva Ênio para passear e ver paisagens além do muro. Seu Ênio também passeia no dia do seu aniversário, quando os filhos dele o buscam. Contudo, a ansiedade de voltar para o Lar não o deixa dormir. Ele diz que precisa voltar para ajudar Vanderlei. A residência da mulher já não é mais a sua casa. Mesmo com os quatro filhos e a mulher, seu Ênio só consegue ficar bem no Lar.

Além do Alzheimer, seu Ênio possui o vício do cigarro. O fumo exagerado causou um enfisema pulmonar e ele precisou ser internado. De volta ao recanto, ele tinha uma recomendação médica a seguir: não fumar. A ansiedade causada pela abstinência deu a seu Ênio forças para saltar o

muro e fugir. Vanderlei e um dos filhos de seu Ênio pegaram um ônibus para o Centro da Capital e foram atrás, percorrendo diversos lugares em Porto Alegre onde o idoso teria vivido momentos da juventude. Percorrer esses locais era a chance de encontrá-lo, pois como o Alzheimer bloqueia a memória recente e mantém viva a mais antiga, seria em um desses pontos que ele estaria.

Vanderlei não sabe explicar como, mas seu Ênio foi parar em Viamão, onde um senhor o ofereceu uma carona para casa. Seu Ênio disse que morava no encontro das ruas São Manoel e São Francisco, em Porto Alegre, local que ele morou quando jovem. Não encontrando, o senhor decidiu levá-lo para a 8ª Delegacia de Polícia da Protásio Alves. Coincidência ou não, era onde um sobrinho trabalhava. O sobrinho ligou para a mulher de seu Ênio, que contactou Vanderlei e eles foram buscá-lo.

Isso ocorreu há três anos e, desde então ele nunca mais fugiu. De vez em quando seu Ênio reclama um cigarro, mas isso já não é mais problema. Sob cuidados mais atentos, sua ansiedade é controlada. Só após essa melhora, seu Ênio ganhou a possibilidade de sair para visitas.

Assim como seu Ênio, outros 23 idosos vivem no Cantinho dos Avôs. A maioria vem por indicação de outras prefeituras, como dois novos moradores que vieram de Caiçara. Visitas de familiares, como as que seu Ênio recebe, são raras. Para grande parte deles, a família são todos aqueles que convivem no lar, pois muitos deles nem sequer conhecem seus verdadeiros irmãos.

Contudo, há ainda aqueles que optam por deixar a sociedade, onde viviam isolados, e buscam abrigo em asilos, onde encontraram colegas para conviver.

De fora, mas sempre ativo

Chego ao Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre, e me deparo com alguns idosos sentados em um banco conversando. Ao pedir pelo senhor Hermínio, ele prontamente se levanta e me convida para conversarmos em seu quarto que fica em uma sala ampla, composta por divisórias, que separam o reservado de cada morador. O do Seu Hermínio é diferente dos demais. Uma escrivaninha, um computador e uma cama dividem o espaço com um monte de papel, re-



Sempre ativo: Seu Hermínio encontrou no asilo vontade de continuar a viver

portagens e fotos antigas, tudo guardado com muito carinho. Lembranças de um tempo em que ele vivia na sociedade.

A idade chegou, mas não derrotou o jornalista Hermínio d'Andréa, morador há três anos do local. Aos 83 anos, foi no Asilo que ele encontrou forças para recuperar-se da depressão que o atingiu após a morte da mulher, Iraci Lucci, em 2005. "Eu fiquei então solito, quase que eu me atirei... Eu nem sabia o que fazer, nem comia". Foram alguns amigos que o levaram para lá. Ele lembra: "Eu cheguei aqui eram duas e quinze da tarde do dia cinco de seis de 2005. Tu vê que eu não me esqueci de nada".

Bom de memória e de papo, ele me conta as inúmeras aventuras e desafios da profissão. Para ele, o jornalismo "ai, ai, ai, é pior que mulher, vicia". Foi em Esteio, para onde ele se mudou na década de 1950, que ele fundou *A Gazeta de Esteio*. E, através do jornal, divulgou a emancipação da cidade, ocorrida em 1952.

A tristeza pela morte da mulher o abalou e interrompeu essa carreira, mas a vida no asilo lhe trouxe motivação. Por pedido dos diretores, Júlio César Pinto e Cristina Mesquita, ele voltou a escrever. É ele quem comanda o informativo *O Cacique*. A volta à atividade lhe trouxe confiança e é a sua razão de viver atualmente. Seu quarto é também a redação. As observações feitas ao longo do dia, anotadas em qualquer pedaço de papel, são passadas para o computador. Às vezes, as notícias perturbam alguns, pois ele denuncia o que está faltando e o que precisa mudar na casa.

O que mais incomoda seu Hermínio é ver alguém jogando fora ou pisando no informativo, "Chega a doer no coração", ele diz. Além de manter o ouvido atento a tudo que acontece na casa, ele também está sempre ouvindo diferentes rádios, acompanhando as notícias.

"Amigo, venha sempre, venha sempre, venha sempre..." é uma frase pendurada na parede. "Aí um belo dia ele fica aqui!", Hermínio completa, com seu bom humor constante. E, Seu Hermínio sabe que há fases na vida. "Tem gente que envelhece por que quer!", é o que ele diz quando pergunto sobre ser idoso.

Ele afirma que nunca sofreu preconceito, veio para o lugar certo. Sobre família, também não fala muito. Diz que tinha nove irmãos, apenas dois sobreviveram. De vez em quando eles o visitam. Mas seu Hermínio está bem como está. Saudade? Ele lembra tudo com carinho.

A história continua

A idade vem e traz com ela algumas conseqüências. Com ela vêm dores no corpo, fragilidade física e alguns problemas psicológicos, decorrentes de uma história de vida. Mas essa biografia também pode conter experiências que podem ser compartilhadas. A jovialidade pode ter fim e a vida social também. Seu Walter, Seu Ênio e Seu Hermínio. Alguns personagens que não mais ocupam a área central da história, mas se mantêm por aí, pelas margens.

*Colaborou Camilá Mozzini

Ô abre alas, o teatro quer passar

Filipe Peixoto
filipepeixoto@gmail.com

As dificuldades e peculiaridades dos grupos de teatro do interior do Rio Grande do Sul

REPRODUÇÃO

Nesta noite, um ator vai entrar em cena em alguma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Ele vai dar seu texto, interpretar e suar. Ao final da peça, receberá aplausos e talvez seja cumprimentado no camarim. Até aí, tudo igual ao que acontece em Porto Alegre, mas atrás das cortinas existe uma realidade interiorana que se difere da capital. Uma diferença que vai além das condições técnicas precárias, que envolvem luz, som, cenário e teatros disponíveis para se apresentar. Os grupos de teatro do interior possuem uma dinâmica própria de organização e se formam à imagem e dissemelhança de Porto Alegre.

O alicerce dos grupos no interior são os festivais de teatro. Pelos cantos do estado, os grupos se reúnem nos festivais para apresentar peças, concorrer a prêmios e serem avaliados por um júri de profissionais experientes das artes cênicas.

– Temos um perfil autodidata e os festivais nos proporcionam um de-

bate, é um momento que temos para refletir sobre a arte, a teoria, os jeitos de montagem – conta o ator e professor de teatro Rony Pereira, natural de Palmeira das Missões que hoje vive em Carazinho.

Durante o festival, são realizados cursos e oficinas que contribuem na formação dos participantes. Os grupos aproveitam os festivais para se reciclar e refletir sobre o fazer teatral. A tendência hoje é reforçar o caráter de fórum dos festivais e estimular o debate – principal diferencial do teatro do interior. A atriz, diretora e professora de arte dramática Vanessa Giovanella, de Santa Maria, acredita que crescerá a responsabilidade dos festivais de profissionalizar atores, diretores e técnicos:

– Será fortalecido o papel do festival como escola e a tendência é terminar a competitividade. Essa é uma visão social que deve ser incorporada aos festivais.



Vanessa Giovanella dirigiu o espetáculo "Torturas de um Coração", em Santa Maria.

A independência e autonomia do teatro do interior nem sempre são vistas com bons olhos. Vanessa conta que os profissionais da área acadêmica não valorizam com igualdade o teatro nascido longe da faculdade. Segundo ela, as pessoas da universidade têm um "ranço" com o teatro que não é acadêmico.

Outro obstáculo é a dificuldade das peças do interior em transitarem em Porto Alegre. É raro ver em cartaz uma produção do interior. Para Rony, a culpa é dos palcos porto-alegrenses, que não são receptivos:

– O interior tem uma baita produção, extremamente competente e de qualidade, que não é vista por Porto Alegre. Uma vez tentamos levar para Porto Alegre "A Sobrinha da Marrecá", Melhor Espetáculo Infantil no Festival de Erechim (2005). Fizemos inscrições, era uma peça com qualidade artística, mas não foi aceita. A gente sente que é uma falta de vontade política de abrir as portas.

As portas que Porto Alegre pode abrir são capazes de escancarar janelas no interior. A capital é uma vitrine. Se um grupo do interior passa por ela, automaticamente recebe um passe para se apresentar no resto do Rio Grande do Sul. Assim, além do prestígio, entrar em cartaz em Porto Alegre significa aumentar as chances de boas bilheterias no interior.

Também há os que vêm do interior para Porto Alegre e acabam ficando. É o caso do diretor, ator e produtor teatral Airton de Oliveira, natural de Alegrete, mas que há 26 anos mora na capital. Ele estimula os grupos a lutar por espaço em Porto Alegre e diz que a maioria dos que fazem teatro na capital veio do interior.

– Os espetáculos do interior tinham que meter mais a cara e vir mais. Não é porque é do interior que não tem qualidade e não é porque é da capital que tem qualidade. Existem safras. Sempre comparo o teatro com a safra de arroz. Um ano dá superbom e outro não dá – diz Airton.

Embora não exista concretude no suposto preconceito de Porto Alegre com o teatro do interior, a sensação de não ser bem-vindo na capital paira entre os teatros interioranos. A divisão, mais psicológica do que real, dicotomiza a produção teatral. Para Rony, que diz não ter planos de trabalhar em Porto Alegre, há resistência ao se tentar cruzar essa fronteira:

– Quando você fala que é de qualquer cidadezinha do interior, já ficam de pé atrás. Eu não sei se duvidam da competência técnica ou se é medo da concorrência.

Enquanto não há livre circulação nesta divisa, o teatro da capital e o teatro do interior vivem cada um no seu quadrado, zelando por seu quinhão. Atores e diretores do interior – cientes de que estão à margem da capital – fazem questão de demarcar seu território e cuidar bem do farto público em potencial: os nove milhões de pessoas que vivem fora de Porto Alegre, equivalente a 87% da população gaúcha. Para os grupos do interior, é gente o bastante e que está em boas mãos.



GRUPO DE TEATRO DA UNIJUI

A humildade que faz a diferença

A qualidade do debate teatral e a humildade para ouvir críticas são apontadas como vantagens dos grupos do interior em relação aos da capital.

– O interior cresce muito mais ouvindo nos festivais. E eu também, quando sou jurado de um festival aprendo muito com os grupos. Teve uma época que se tentou algo parecido aqui em Porto Alegre. Nas segundas-feiras um grupo se apresentava e havia um debate, mas não deu certo, as pessoas têm muitos dedos.

Airton de Oliveira, diretor, ator e produtor teatral – Porto Alegre

– A nossa vantagem é a humildade e o se querer bem. O que faz os festivais perdurarem é a vontade dos grupos de querer se ver. O teatro do interior trabalha mais a humanização, isso torna o trabalho mais humano.

Vanessa Giovanella, atriz, diretora e professora de arte dramática – Santa Maria

– A gente faz teatro porque acredita na arte, pelo tesão que temos pelo teatro. Aqui no interior temos a vantagem de estar longe da Capital, onde o acesso à informação é mais fácil, mas temos a vantagem de ter os festivais. Eu nunca ambicionei ir trabalhar em Porto Alegre.

Rony Pereira, ator e professor de teatro – Carazinho

– O teatro no interior é prejudicado na parte técnica de montagem de som e luz com qualidade e eficiência, mas leva vantagem na união, no improviso e na vontade de fazer teatro, mesmo em condições precárias e de difícil trabalho.

Jeferson Luiz, organizador do Festival Pedritense de Teatro (Dom Pedrito-RS), um dos maiores festivais do estado.

Toda forma de poder

Ana Lúcia Mohr analumohr@gmail.com
Douglas Carvalho douglasgravatai@yahoo.com.br
Tássia Kastner tc_kastner@yahoo.com.br

A política no Brasil é sinônimo de partidos de nome, mas com programas pouco representativos. Em contrapartida, algumas organizações defendem ideários políticos fora da política tradicional

Sem Fronteiras Políticas

Tornar-se um jogador de futebol exige dos pequenos talentos a construção da carreira a partir de categorias de base de grandes times. O garoto participa de uma peneira seletiva e joga pelo juniores até que técnico do time principal do clube encontre nele uma solução para o time. É o início de uma vida profissional no futebol, que no clube de origem não dura muito tempo. Logo um time europeu oferece um gordo salário e lá se vai a nova estrela do futebol, brilhar em outros gramados. A equipe do coração facilmente recebe a gratidão, e não mais o desempenho em campo.

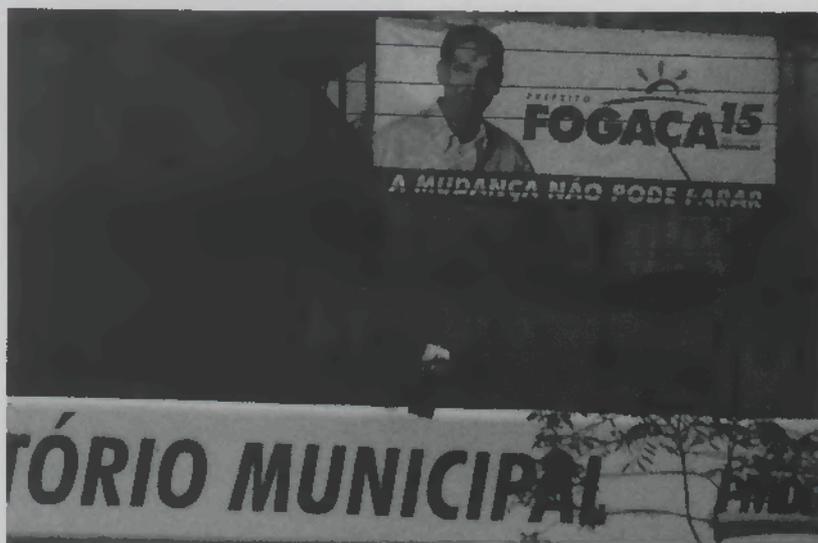
Alguns políticos guardam semelhanças com esses jogadores de futebol. Reconhecem a importância do partido pelo qual iniciaram sua vida política, mas estão bem, obrigado, apoiados pela sigla que lhes convém.

A disputa pela prefeitura de Porto Alegre, em 2008, reuniu 19 partidos em oito candidaturas. A julgar pelos números, a probabilidade de encontrar uma chapa cujas propostas se aproximassem dos interesses do cidadão era alta. Entretanto, as eleições foram construídas, mais do que nunca, a partir de personalidades. O eleitor não conheceu programas partidários, menos ainda as coligações estabelecidas entre partidos. Foi uma eleição marcada por rostos e pelo uso da primeira pessoa do singular.

Raul Pont, deputado estadual (PT-RS), justifica, em parte, a ausência dos partidos na campanha: "Como são frentes políticas, não pode haver o predomínio de um partido". Mas, ao mesmo tempo, declara que isso vai do interesse de cada partido.

A candidata do PT, Maria do Rosário, iniciou sua vida política como

vereadora pelo PCdoB, porém, no ano seguinte à posse, filiou-se ao PT. Ligada à tendência Movimento PT (a mesma de Marta Suplicy e Arlindo Chinaglia), sua indicação como candidata do PT à prefeitura marcou a derrota, nas prévias, da Democracia Socialista (DS), tendência trotskista que indicou Raul Pont a candidato na eleição de 2004.



O outdoor afixado no diretório do PMDB não estampa o logotipo do partido, apenas o número que o eleitor deve memorizar

Algumas diferenças entre as duas últimas candidaturas do PT podem ser estabelecidas em função da tendência a que cada uma pertence. O personalismo decorreria "de uma certa rendição aos especialistas em marketing, que estabelecem determinados comportamentos que eu acho que são contraditórios com uma visão estratégica, de longo prazo". O deputado diz ter discutido, em sua campanha para prefeito (em 2004), com o responsável pelo marketing sobre apresentação. Quanto ao argumento segundo o qual "é isto que as pessoas querem ouvir", Pont rebate: "Claro, pode até ser o senso comum das pessoas querermos ouvir, agora o nosso papel não pode ser de ficar sempre refém do senso comum."

José Fogaça, prefeito reeleito, estampou em bandeiras, cartazes e outdoors nome e número do partido, porém, a sigla PMDB e de seus coligados, PTB e PDT, esteve praticamente ausente da campanha.

O sucesso da estratégia do partido, de basear a campanha no nome do candidato, pode estar ligado à vida pública pregressa de Fogaça, iniciada na década de 1970, como compositor, apresentador de programas de TV (pela TV Difusora de Porto Alegre), rádio (pela Continental) e como articulista do jornal Zero Hora. Conforme Raul Pont, a campanha de Fogaça está imbuída de um "anti-petismo", idêntico ao do governo do Estado, expressado recentemente pela "ilustre governadora" ao dizer que "era anti-PT de carteirinha": "O Fogaça também procura expressar e explorar na campanha eleitoral um

anti-petismo que foi construído ao longo de décadas aqui pela RBS pelos meios de comunicação, pelos colunistas, pela maioria dos radialistas que tem programas que expressam a voz do dono e que são pugilistas de aluguel aí das campanhas, ou durante o ano inteiro".

Sob o ponto de vista político, a ausência dos partidos na campanha de Fogaça também pode se justificar por ele ter se candidatado à reeleição por um partido diferente do que lhe elegeu em 2004. O político saiu do PMDB em 2001, por uma divergência política com Pedro Simon (senador gaúcho pelo PMDB), e se filiou ao PPS. O retorno do político ao PMDB se deu às vésperas do lançamento das candidaturas ao pleito municipal de 2008.

O PCdoB, de Manuela D'Ávila, também abriu mão de estampar sua identidade em bandeiras e panfletos – abdicando do vermelho, marca dos partidos comunistas – em favor de cores que a aproximassem do público jovem. O roxo e o verde de sua

campanha pouco abriram espaço para mostrar quem estava em sua coligação – PPS e PSB. Segundo Raul Pont, o caso de Manuela difere do de Fogaça porque naquele "há uma determinação explícita de esconder o PPS, de esconder o PCdoB e centrar toda a campanha na figura simpática, de muita empatia televisiva que a Manuela tem como uma forma de vincular isso com o eleitor".

A história do Partido Comunista no Brasil inicia em 1922, alternando períodos de legalidade e ilegalidade, dificultando a articulação. O informe confidencial de Kruchov ao 20º Congresso do Partido Comunista da URSS, em 1956, no qual ele denunciava os crimes de Stalin, gerou perturbações no movimento comunista mundial. No Brasil, foi em 1962 (com o partido na ilegalidade) que a ala stalinista – descontente com o novo programa adotado em 1961 – reuniu-se sob a sigla PCdoB. Jacob Gorender, no livro *Combate nas trevas – A Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada*, relata que "o PCdoB se proclamou (e o faz até hoje) o mesmo partido comunista fundado em 1922 e 'reorganizado' em 1962. Eleva essa duvidosa versão historiográfica a questão de princípio (...) De acordo com o dogma stalinista, o proletariado não pode ter mais de um autêntico partido revolucionário".

Em 1992, o PCB virou Partido Popular Socialista (PPS), e um grupo divergente reorganizou o PCB. Até hoje PCB, PCdoB e PPS se proclamam o mesmo partido fundado em 1922. Ironicamente, o PPS se afasta do ideário comunista. Segundo Raul Pont, os votos dos parlamentares deste partido "são sempre com a direita, sempre são contra o povo...". E complementa: "Qualquer medida que seja para melhorar salário, para distribuir melhor a renda, para fazer reforma agrária, os caras são contra. São defensores das empresas".

A coligação do PCdoB com o PPS (o mesmo que elegeu Fogaça) poderia simbolizar uma união de dois partidos que possuem a mesma origem, porém, no contexto atual, a aliança causa estranhamento. Isto porque Fogaça, quando saiu do PMDB, foi acompanhado por outros colegas de partido, que ali permanecem. Além disso, o programa doutrinário deste partido, ratificado em 24 de março

ria ser a sociedade? Dessa disputa, o projeto liberal saiu vencedor e, "para o projeto liberal poder se afirmar, ele precisa da desmobilização do cidadão".

A proposta vencedora tornava inviável a realização do projeto abraçado pelo PT e outros partidos na década de 80 – de uma participação popular, que ainda tinha força durante a constituinte de 1988: "Tanto que a nossa constituição tem paralelismo de projetos liberais e de projetos com participação popular, inclusive elementos de forte tendência redistributiva, que não foram implementados porque politicamente, esse projeto foi derrotado". A vitória política do liberalismo fez com que o PT, para ter maioria eleitoral, abdicasse de suas características, conforme professor Emil. Para ele, "a Carta ao Povo Brasileiro é um atestado de fracasso de tudo aquilo que o PT defendia desde a sua criação (...) Lula e os seus principais conselheiros se dobraram a tese vencedora do liberalismo e renunciaram a todo o passado político que eles defendiam até lá, em prol da obtenção de uma maioria eleitoral".

Depois de mais de uma década empunhando a bandeira do PT, a insatisfação com os rumos do partido gerou dissidências. PCO, PSTU e, mais recentemente, PSol representam aqueles que ainda não desistiram da militância política, entretanto, conforme explicou Emil Sobotka, "há um cansaço no mundo ocidental com relação a eleições". Para ele, "nós até temos barulho (em campanha eleitoral), mas esse barulho é menos em cima de apresentação e de discussão de propostas e mais de apontar defeitos alheios".

"Ruim é não Militar"

O Brasil é um país teoricamente democrático, presidencialista, que escolhe seus empoderados por meio de eleições, o que não impede que existam insatisfeitos com a forma de governo vigente que lutem para mudá-la. Sites, murais, rádios, jornais, revistas são os instrumentos utilizados para criar uma esfera pública paralela às tradicionais emissoras de rádio e TV, de onde foram excluídos. A marginalia também se comunica.

de 1996 – que foi coordenado, em sua primeira comissão de elaboração, por José Fogaça – defende no item Reformas para Consolidar a Democracia, a fidelidade partidária: "O instituto da fidelidade partidária é questão de princípio para o PMDB. O mandato eleitoral deve pertencer ao partido, perdendo-o quem o deixar ou dele for expulso em decorrência de violações ao Programa Doutrinário e aos Estatutos". Portanto, ao candidatar-se à reeleição, Fogaça não agiu de acordo com o princípio que ele mesmo ajudou a criar, pois era o PPS quem detinha o mandato de sua primeira gestão.

A indiferença do eleitor ante a promiscuidade partidária está ligada ao personalismo político: o cidadão vota no indivíduo e não no partido. Para o doutor em Ciência Política e Sociologia pela Universidade de Münster e professor da PUC-RS, Emil Albert Sobotka, isso pode ser explicado pelo fato de que "os partidos querem hoje, no máximo, o voto. Não mais que isso. Nem mesmo tornar-se partido de massa". E complementa: "Porque os partidos não têm a pretensão de mobilizar as pessoas e discutir. A convenções partidárias são a discussão da apropriação do aparelho partidário pelas tendências internas do partido e não a discussão de propostas do cidadão. Nós temos uma despolitização da vida política dos partidos".

O advento da despolitização se dá na promulgação da Constituição de 1988 e com a eleição de 1989. Até esta data, segundo o professor da PUC-RS, havia "uma disputa de projetos de sociedade", ainda havia "visões alternativas de como deve-



Sempre, em qualquer época ou região, houve marginais. Os que estão aí iniciaram de algum lugar, e essa é a parte que certos relatos oficiais omitem. "O Partido Comunista Russo, quando surgiu, o primeiro congresso dele tinha cinco pessoas, e eles fizeram a maior revolução da história, apesar dos pesares, de onde foi dar a revolução", diz Leonardo Sosa González, militante do PCML (Partido Comunista Marxista-Leninista) e estudante de História na UFRGS. Para Emil Albert Sobotka, "as minorias são capazes de levantar teses, reivindicações, que vão desafiar os partidos majoritários". Daí a importância da existência de partidos políticos contra-hegemônicos e dos movimentos sociais.

A fundação do PCML deu-se através do Congresso de Refundação do Partido Comunista no Brasil, a fim de retomar os princípios doutrinários do Marxismo-Leninismo, base teórica da qual o PCdoB teria se afastado. O PCML é definitivamente um partido contra-hegemônico: não está registrado no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e propõe-se a organizar as pessoas em núcleos de atuação – os Comitês de Luta Contra o Neoliberalismo. Participar das eleições, para o partido, seria "administrar os problemas da burguesia". Também o "reformismo" (melhorar o que está aí) está fora de questão. Segundo González, as eleições "dão uma falsa idéia de participação popular". Os militantes procuram dialogar com diferentes segmentos políticos e sociais – tais como sindicatos, estudantes – a fim

de propagarem suas idéias. "Não tem lugar ruim pra militar, o ruim é não militar", acredita.

Tal declaração se assemelha muito à do Secretário de Relações da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), Leonardo Leitão: "A gente não quer ser vanguarda de nada". Para a FAG, os membros "têm que estar inseridos no que a sociedade está fazendo, sindicato, associação, grupos, movimentos, e politicamente eles têm que se organizar". Segundo Leitão – cuja inserção social se dá como professor em um curso pré-vestibular para jovens carentes, entre outras atividades –, é assim que membros da FAG atuam, junto ao Movimento dos Catadores de Materiais Recicláveis, ao movimento muralista, às rádios comunitárias A Voz do Morro (no Morro Santana) e Quilombo FM (na Restinga), por exemplo. Deste modo, buscam inverter a lógica do poder capitalista, construindo um "poder popular", "uma sociedade onde tu tenhas participação, cooperação, autogestão das pessoas, da vida social e dos meios produtivos". Anarquia, ao contrário do que se rotula, não significa bagunça. Conforme o militante, organização não necessariamente é ter alguém que mande, uma hierarquia. Contrários ao individualismo e ao "liberalismo primitivo", os anarquistas da FAG são, sobretudo, humanistas. "A gente acha que no coletivo a pessoa pode ter liberdade, e acreditamos tanto no

Fernando Bolzoni, presidente do IBEM-RS, defende que países com regime monárquico são tão democráticos quanto o Brasil



ser humano que acre-ditamos que ele pode se organizar de outro jeito”, explica Leitão.

Para ser membro da FAG, é necessário concordar com uma Declaração de Princípios: “Os três compromissos básicos são a inserção social, tem que ter um trabalho social, não um trabalho assistencial, tem que existir enquanto sujeito que atua na sociedade; fazer propaganda da ideologia também; e participar da organização, ou seja, concordar e participar dentro das instâncias da organização”, explica. Tais diretrizes “especificistas”, que surgiram na América Latina, fruto de uma cultura de organização que nasceu no Rio da Prata, nas décadas de 1950 e 1960, diferenciam-se do anarco-sindicalismo do início do século XX, cujos integrantes tinham a noção de que o sindicato deveria organizar a sociedade.

Falar do PCML é falar do Inverta, órgão central do partido. O jornal surgiu em 1991, por iniciativa da Organização Popular Prá Lutar (a OPPL), formada por um grupo de trabalhadores radicados em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense. A OPPL desmembrou-se em dois movimentos: o Movimento 5 de julho – atual Movimento Nacional de Luta Contra o Neoliberalismo – e o Movimento de Refunda-

ção do Partido Comunista – hoje Partido Comunista Marxista Leninista, o PCML.

Em 1993, surgiu a Editora Inverta, hoje responsável pelas edições em português do Jornal Granma Internacional (Órgão Oficial do Partido Comunista Cubano no exterior) e da revista cubana Tricontinental da Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL). Também distribui a revista das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), a Revista Resistência Internacional e representa a Agência de Notícias Prensa Latina (fundada a partir da Operação Verdade, em 1959, em Cuba, por iniciativa de Che Guevara e Fidel Castro) no Brasil. A Editora está sediada no Rio de Janeiro e possui sucursais em São Paulo, Minas Gerais, Paraíba, Brasília, Ceará e Rio Grande do Sul. O jornal, que possui edição quinzenal e circula nacionalmente, também pode ser lido no site www.inverta.org/journal. Ali é possível encontrar reportagens sobre política nacional e internacional, análises da conjuntura e editoriais. Apesar disso, trata-se de um jornal de modelo leninista (“se não se consegue formar a opinião do povo, como se pode aspirar a liderar seus movimentos?”), isto é, a serviço do partido, como muitos alternativos da época da ditadura.

A FAG também conta com seus próprios meios de propaganda. O site www.vermelhonegro.org/fag se presta a análises de conjuntura (característica comum a todo o jornal de esquerda). Além disso, em sua biblioteca, localizada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre (onde é possível encontrar um bom acervo da história do anarquismo e da história social), se dão as reuniões de um coletivo de estudo, que é aberto à população. Os encontros iniciam em março e vão até o final do ano. Trata-se de mais uma tarefa de propaganda direcionada a pessoas que desejem conhecer a organização. “A gente preza muito o auto-didatismo, que é uma tradição do anarquismo. Tu vai ver poucos anarquistas teóricos, que se formaram, que tem grandes estudos filosóficos. Essa idéia do coletivo de estudos é um pouco isso: pra gente ir conhecendo as coisas que a gente acredita, por nós mesmos, ir buscando, criando um método próprio de conhecer a realidade”, explica Leitão.

Se a FAG acredita na ausência de governo, o presidente do IBEM-RS (Instituto Brasileiro de Estudos Monárquicos do Rio Grande do Sul), Fernando Bolzoni, defende a existência de uma figura humana que simbolize o poder. Ele entende que a monarquia gera progresso.

Citando o economista estadunidense Douglas North, diz que uma organização precisa ter capacidade de incentivar o que as pessoas têm de bom e de inibir o que elas têm de ruim. “Os interesses induzem comportamentos. Não é razoável esperar que as pessoas sejam suicidas dos próprios interesses”, diz Bolzoni. É por esse e outros motivos que o procurador-geral da Assembléia Legislativa do Estado defende a monarquia parlamentar.

A razão da fundação do IBEM era “organizar um lobby para participar da Constituinte de maneira que a constituição não proibisse mais a discussão sobre monarquia”. No meio do caminho, acabaram se unindo ao deputado Cunha Bueno, do então PDS de São Paulo, que era “um monarquista de quatro costados” e, na época, era quarto secretário da mesa da Câmara dos Deputados. Cunha Bueno incumbiu-se da tarefa de alavancar a discussão. Encaminharam, então, uma proposta de emenda popular, a qual contou com 44.632 votos (o mínimo necessário era de 30.000). Tal proposta, que viria a ser a única aprovada, foi responsável por tirar os membros do IBEM da ilegalidade, uma vez que previa a realização de um plebiscito no dia 7 de setembro de 1993, a fim de que o povo brasileiro pudesse decidir se queria viver num regime parlamentarista, presidencialista ou monarquista. O plebiscito acabou por ser antecipado para 21 de abril daquele ano.

Para Bolzoni, os países onde há monarquia não seriam menos democráticos que o Brasil. Pelo contrário, crê que eles, “em certo sentido, são mais cidadãos, sendo súditos, do que nós, se a gente for olhar o que a gente pode ou não pode, como a gente exerce nossa cidadania”. Acha, por isso, que “a monarquia constitui a forma mais adequada a que se chegou para a proteção da *res publica* – a coisa pública –, ou seja, a monarquia é o regime mais republicano que existe”. Segundo ele, isso se dá devido à figura do rei, o qual,

por estar fora do debate político, não tem como ser “aparelhado”, “conquistado” ou “comprado”, diferentemente da do presidente (cita o exemplo de Berlusconi, atual presidente da Itália, que acabou de “comprar sua eleição”). Complementa ainda que as fraudes que ocorrem no Poder Legislativo, como o Mensalão (escândalo ocorrido no Congresso Nacional em 2005 envolvendo compra de deputados), existem “exclusivamente” devido ao regime político vigente, isto é, dificilmente ocorreriam numa monarquia parlamentar. “Até porque para manter um esquema tu precisas de um grau de capitalidade, tu precisas de tempo e, sobretudo, de interesses envolvidos que tu não consegues criar na organização monárquico-parlamentarista”. O instituto mantém um endereço eletrônico www.ibem.org, no qual divulga o ideário monarquista.

Ao ser questionado acerca da influência da cultura na política brasileira, Bolzoni respondeu que “a cultura te define as instituições no curto prazo. No longo prazo, as instituições amoldam a cultura”. Segundo o cientista político da PUC-RS, o monarquista estaria ignorando o fato de que existem monarquias “muito corruptas” no continente africano. Para ele, o problema brasileiro está mais relacionado à cultura política do que ao regime político. Trocando em miúdos: as eleições e políticas públicas personalizadas e a apropriação do que é público para fins privados, embora no parlamentarismo haja a necessidade de fazer mais acordos políticos para conseguir maioria. Também aponta distorções institucionais, como a profusão de CC’s (Cargos de Confiança) em detrimento das poucas carreiras de estado. Isto faz com que as secretarias de estado sejam moeda de troca no jogo político. “Uma das ironias no Brasil é que são os cargos de confiança e a comissão cobrada sobre cargos de confiança que são a sustentação de uma boa parte dos partidos políticos, o que também mostra que ali você tem uma fluidez entre o privado e o público”, observa.

Ensaio: Onde mora o humano

Felipe Schroeder
felipesfranke@gmail.com

Mais que um relato cru da pobreza, a representação da marginalidade desempenha um papel fundamental na visão de mundo de Dostoiévski

“Que acabe, que torture! – continuou Elena, com veemência. – Não sou a primeira. Outras pessoas, melhores do que eu, também so-frem. Foi uma mendiga de rua que me disse isso. Sou pobre e quero ser pobre. A vida toda serei pobre. Foi minha mãe quem mandou, quando estava morrendo. Vou trabalhar... e não quero esse vestido”.

Elena tem ralos 10 anos. Perdeu a mãe e avô para a doença. Perdeu o pai, que as deixou. Tem a si somente a patroa gorda e espalhafatosa do subúrbio, que a espanca enquanto, suando, se suja ao chão para desengordurar a imundície da patroa. Ao presente que recebe de desconhecidos, responde:

“Esse vestidinho é mau – disse ela sufocando de emoção. – Por que o chamou de bonitinho? Não quero usá-lo! – gritou ela de repente, levantando-se de um salto. – Vou rasgá-lo todo. Não pedi para ela me vestir. Ela me vestiu à força. Eu já tinha rasgado um, vou rasgar este também. Vou rasgar! Vou rasgar!”

Esta é a pequena heroína de *Humilhados e Ofendidos*, de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski. Sua extrema pobreza, mesclada a um orgulho da própria miséria, à honra de subsistir e sobreviver, guia o romance. Mas sua personagem tem algo de exagerado, há como que um descabimento no seu temperamento e gênio. O tipo de personagem de Elena é somente um dentre muitos outros na obra de Dostoiévski. *Gente Pobre*, seu romance de estréia, aborda

a vida entre os miseráveis

veis. É o caso do projeto de *Recordações da Casa dos Mortos*, seu relato da vivência com prisioneiros e marginais quando do cumprimento de sua pena de quatro anos na Sibéria. Também do pobre e atormentado estudante de *Crime e Castigo*, que elabora uma teoria sobre a liberdade humana.

À primeira vista, Dostoiévski parece glorificar e, ao fazê-lo, minimalizar a pobreza. Mas o contexto histórico e político em que Dostoiévski viveu e escreveu revela facetas da sua aproximação aos miseráveis. Ajuda a entender o que ele quer mostrar quando nos põe olho a olho com a população marginal de São Petersburgo e dos camponeses da Rússia imperial, mostrando que “miséria”, embora algo trágico e que produz sofrimento, é, na nossa época, uma espécie de reduto da dignidade humana.

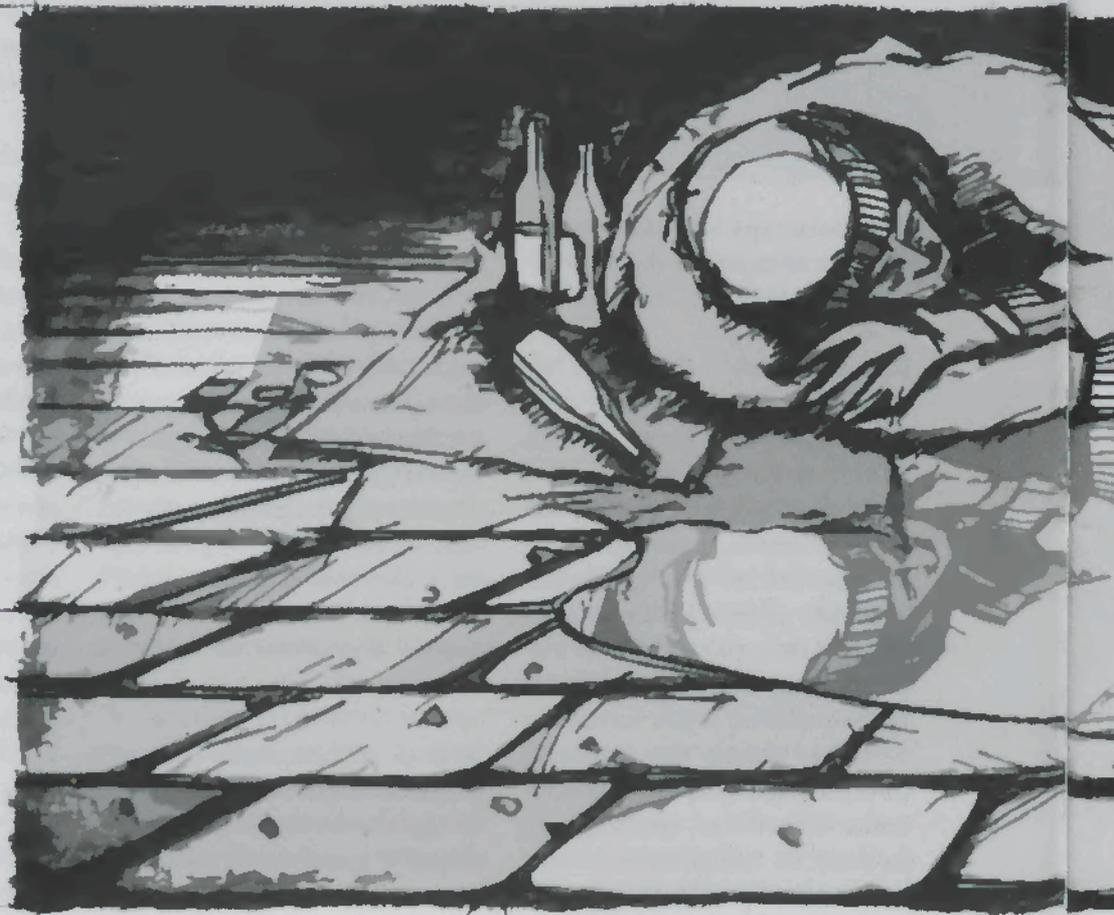
Nascido a 1821 em Moscou, Dostoiévski não foi exatamente um pobre. Estudou engenharia, e desde cedo entrou em contato com grandes nomes das literaturas russa e europeia de seu tempo, não tardando para começar a trilhar seu caminho na arte literária (estreou no romance, *Gente Pobre*, com 25 anos de idade). Nesse processo, adentrou, como era o costume, os debates políticos do seu tempo, debatendo-se, o que à época era inevitável, com as fortes ambivalências do que significava ser russo no século XIX.

Nem puramente oriental ou ocidental, o Império Russo desenvolveu-se tardiamente. No decorrer dos 1800, passava pelo processo já sentido há pelo menos 100 anos por um número considerável de países europeus: o crescente desgaste do Estado absolutista.

Esse atraso encarnava-se na persistência de um Czar que concentrava em si os poderes e desembo-

cava na manutenção da má qualidade de vida de ampla população russa. O grande invento do ocidente de então – a burguesia – vinha chegando às estepes nórdico-orientais. A *intelligentsia*, o corpo intelectual crítico encarregado de discutir e problematizar o rumo da sociedade, encontrava-se numa situação ambígua: de um lado, o peso da tradição do “povo russo”, da “alma russa”, ainda pertencente a um mundo já visivelmente antigo e predominantemente religioso; do outro, a invasão ideológica do libe-

possuíam estrutura política ou social ampla, seja sob a forma de partidos políticos, seja como aquele tipo de oposição informal, mas generalizada, da classe media que precedeu à grande Revolução Francesa. “Dostoiévski, como intelectual, fez parte deste grupo, razão pela qual, ao ler um panfleto esquerdista numa reunião, acabou sendo condenado à morte e, depois, à prisão, iniciando uma série de problemas em sua vida. Como escritor tentou transcender. Influenciado pela Escola Naturalista de Nikolai



ralismo burguês ocidental.

A articulação desta *intelligentsia* como força motriz da modificação da estrutura social vigente, no entanto, era fraca, como escreve o historiador Isaiah Berlin: “Os liberais e radicais russos dos anos 30 e 40 (1830, 1840), que se limitavam a questões estéticas ou filosóficas, como o círculo que se reunia em torno de Stankevitch, ou que se preocupavam com questões políticas e sociais, como Herzen e Ogarev, permaneceram como *lumières* isoladas. Tratava-se de uma elite intelectual diminuta, extremamente envolvida com ela mesma. Eles se encontravam, discutiam e se influenciavam mutuamente nas salas de visita e salões de Moscou ou São Petersburgo, mas não contavam com o menor apoio popular, nem

Gógol, outro expoente literário de seu tempo, ele tentou, na primeira fase da carreira, aproximar-se do povo real, daquilo que os naturalistas consideravam a alma russa. E à medida que se distanciava de Gógol, desvinculava-se da metafísica intelectual russa. É nesse momento que sua compreensão da miséria ganha força – e amplitude.

Um exemplo da complexidade do pensamento de Dostoiévski sobre a realidade russa é o romance político *Os Demônios*. Na história, que teve como inspiração real o assassinato de um estudante por um grupo nihilista russo, desenrola-se catastroficamente uma trama de pequenos revolucionários inspirados pelo anarquismo do pensador francês Fourier. Críticos radicais do

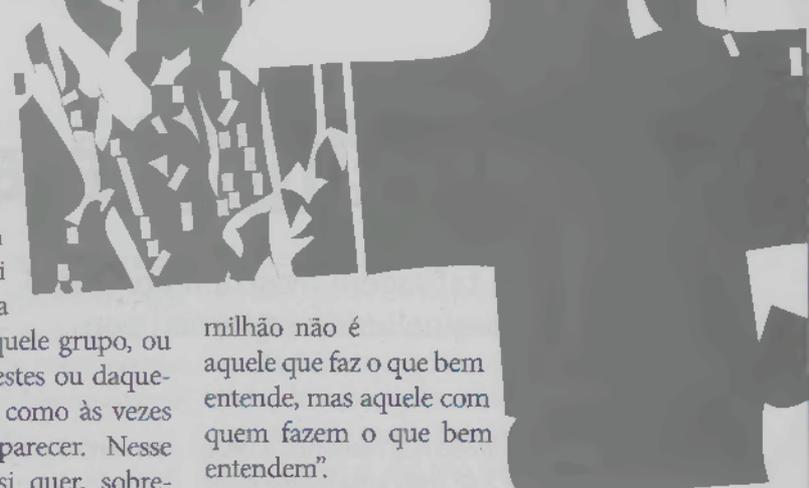
absolutismo czarista e adeptos da revolução social total, estes ideólogos foram alvo da crítica de Dostoiévski, que via uma irracionalidade absoluta no projeto de instaurar um novo governo totalitário, com a única diferença de que, neste, o fundamento seria “científico” – seguindo o espírito, popular então entre os intelectuais, da filosofia positivista de Auguste Comte.

Ao mesmo tempo, Dostoiévski também foi um crítico do liberalismo burguês, tal como ele se manifestava nas sociedades européias de então. “Por que ele escondeu não sei onde todos os pobres e procura convencer-se de que eles absoluta-

titui, para muitos críticos, um dos ápices de sua obra.

“Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso – que para nada serve – de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se algo, e de que somente os imbecis o conseguem.” A idéia marginalidade experimentada pelos pobres agora se desloca para o campo moral e intelectual, à medida que, na leitura do narrador, “uma consciência muito perspicaz é uma doença”. O homem do subsolo, que tem consciência e se vê obrigado a refletir sobre o mundo à sua volta, está à margem do

nalidade, tal como ela aparece reiteradamente nos seus livros, na medida em que Dostoiévski não promove uma defesa deste ou daquele grupo, ou uma glorificação destes ou daqueles tipos humanos, como às vezes pode justamente parecer. Nesse sentido, Dostoiévski quer, sobretudo, aproximar as personagens, conferir-lhes (e a nós mesmos) uma fraternidade. Ele nos provê um humanismo que só é possível a partir do contato com personagens como a pequena Elena: é lá – lá onde se sente a opressão, onde se é pobre, humilhado, ofendido e



milhão não é aquele que faz o que bem entende, mas aquele com quem fazem o que bem entendem”.

Enquanto caçoava da liberdade burguesa, a liberdade existencial foi, talvez, um dos temas mais caros ao humanismo de Dostoiévski. À parte das vantagens em voga na sociedade vigente, afora a vontade e o desejo de conforto, tranquilidade e bem-estar,

Dostoiévski elegeu uma outra, superior a todas as demais. “Uma vantagem que seja nossa, livre, um capricho nosso, ainda que dos mais absurdos, nossa própria imaginação, mesmo quando excitada até a loucura – tudo isto constitui aquela vantagem das vantagens que deixei de citar, que não se enquadra em nenhuma classificação, e devido a qual todos os sistemas e teorias se desmancham continuamente com todos os diabos! (...) O homem precisa unicamente de uma vontade independente, custe o que custar essa independência e leve aonde levar”.

Como anota José Merquior, “a vida é, para Dostoiévski, senão algo sem sentido, pelo menos algo cujo significado

transcenderá sempre a razão humana”.

Assim, essa vontade de independência – não pareceria errado afirmar – consiste o fundamento não-racional, não-passível de sistema ou ciência, governo ou política. Essa vontade de independência, de “nos tornarmos aquilo que realmente somos” como defendeu Nietzsche, constitui a nossa mais profunda humanidade.

“Toda a obra humana realmente consiste apenas em que o homem, a cada momento, demonstre a si mesmo que é um homem e não uma tecla”, escreveu Dostoiévski. E parte fundamental desta demonstração só é possível à margem, ao subsolo.

GABRIEL HORNOS



mente não existem?” O burguês, não satisfeito com a ordem em que vive, “cobre os buracos das botas com tinta de escrever, contanto que, pelo amor de Deus, não se note alguma coisa!”, pois, afinal, “é preciso, realmente, que tudo reluz de virtude”, isto é, “acumular fortuna e ter o maior número possível de objetos transformou-se no principal código de moralidade no catecismo do parisiense”.

Rejeição categórica do socialismo utópico e crítica mordaz da moralidade burguesa nascente fundem-se em *Memórias do Subsolo*. Rotulada de novela, a primeira parte da obra mais se aproxima de um manifesto existencial, no qual a filosofia de Dostoiévski se funde num monólogo que cons-

pensamento corrente: por pensar demais e não conseguir achar fundamento no absurdo mundo, esse habitante do subsolo transforma-se num camundongo. “Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno.”

Mikhail Bakhtin lançou a chamada Tese polifônica, segundo a qual os romances de Dostoiévski teriam uma “opinião” esmigalhada entre uma vasta gama de personagens. A hipótese ajuda a aceitar a complexidade do universo e dos personagens de Dostoiévski, difíceis que são de serem rebaixados a um conceito ou de provocarem somente ódio ou paixão. Parece ser o caso da margi-

levado a condições extremas – que encontraremos o fenômeno do humano.

“É verdade que nem todos os seres criados por Dostoiévski conseguem articular-se ao jogo certo das relações humanas, nem todos voltam vitoriosos das suas experiências, mas essa falange de humildes, de fracassados, de vencidos, nos oferece uma lição de amor e de respeito à vida”, comenta o ensaísta Hamilton Nogueira. Dostoiévski não conferiu destinos felizes a seus personagens, não acreditou no socialismo revolucionário de Fourier e também não deixou de notar que, embora na sociedade burguesa haja o direito à liberdade, livre mesmo só aquele que tem “um milhão”, de modo que “o homem desprovido de

Sou marginal, mas tô na moda

Gabriela Haas
gabihaas002@yahoo.com.br

Juliana Wecki
ju.wecki@terra.com.br

Os adeptos da tatuagem mostram por que o símbolo da marginalidade se tornou pop

Antes no limbo dos costumes, a tatuagem hoje é só mais uma mania incorporada à lógica da moda. Ela já marcou rituais de passagem e de magia negra, estampou braços de bandidos, contabilizou as viagens dos marinheiros e já figurou em muitos corpos revolucionários. Atualmente, se compara a um brinco ou a outro penduricalho qualquer: é só mais um enfeite.

A socióloga e professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Maria Isabel Mendes, afirma que, no passado, a tatuagem era utilizada para relatar fatos da vida social de comunidades, além de dividir e rotular indivíduos e grupos. “A tatuagem era vista como algo maldito, que marcava a exclusão”, garante. A arte de marcar o corpo com desenhos, no entanto, foi se modificando com o passar do tempo: as perspectivas mudaram na sociedade contemporânea.

Durante alguns anos, a socióloga desenvolveu pesquisas junto a tatuadores profissionais, quando constatou que marcar o corpo não é algo que causa estranheza: “Hoje, a tatuagem se tornou oficial. Ela foi incorporada pela moda”. A sociedade, que anteriormente marginalizava aqueles que exibiam, orgulhosos, dragões, animais ou símbolos tribais, hoje se acostumou com os desenhos.

Glauco Tattoo, que há 25 anos exerce a profissão de tatuador em um estúdio na Guarda do Embaú, em Santa Catarina, acredita que essa mudança se deve, principalmente, à popularização da tatuagem. “Isso aconteceu em função da forma como ela começou a atingir o grande público. Personalidades da música e do cinema – os trendsetters – por exemplo, se tornaram adeptas e, assim, essa atitude começou a ser vista como uma arte de verdade e, com a difusão de suas origens, acabou ganhando muito mais respeito”, explica.

O processo de aceitação da tatuagem como um adorno, e não como algo que pudesse modificar as relações de um indivíduo com a comunidade na qual vive, foi lento. Maria Isabel Men-

des atribui a mudança pela qual a sociedade passou, em todos os campos, (e ao, e também, principalmente) ao capitalismo. “Tudo perdeu a perspectiva do alternativo. Hoje em dia, a identidade não se marca pela bandeira da ruptura, tudo é aceitável”, explica a socióloga. Ela ainda afirma que as marcas corporais agora são ligadas à estética e não a um comportamento, crença ou atitude de protesto.

Essa transformação da maneira como a arte é encarada pela sociedade é também consequência da forma como a sociedade encara a si própria. “Do mesmo jeito que a sociedade se acostumou a ver pessoas passando fome na rua, situação que se tornou normal com o passar do tempo, também se acostumou com esse outro tipo de manifestação”, explica P. M., biólogo de 32 anos que exhibe os braços e as costas com diversas tatuagens coloridas.

Se, antigamente, as tatuagens eram utilizadas como forma de expressar uma atitude de subversão, hoje aparecem na pele de todos os tipos de pessoas, independentemente de faixa etária ou classe social e, principalmente, de ideologias ou da falta delas. Mas, o que leva tanta gente diferente a buscar esse tipo de marca? P.M. responde: “Eu faço as minhas por achar bonito. É o único motivo”.

Funcionário público, o estudante de administração Filipe Saldanha, 26 anos, é outra prova de que esse costume não está mais à margem. “Aos 20 anos, fiz a minha primeira tatuagem apenas porque acho legal. É como um enfeite”, revela. O estudante afirma que escolheu uma marca tribal como estampa do braço esquerdo sem nenhum motivo específico: “Gostei do desenho e fiz”. Situações desse tipo foram constatadas por Maria Isabel durante as suas pesquisas. “As pessoas não sabem nem o significado dos símbolos que inscrevem no corpo, porque não é algo que fazem por militância, é somente pela aparência”, declara.

Ainda há, no entanto, algumas pessoas que se propõem a marcar o corpo com imagens que remetem às origens da arte. “Mesmo os desenhos não tendo mais motivos de protesto, alguns antigos objetivos da tatuagem continuam



GABRIELA HAAS

existindo. Isso se percebe através daquelas tatuagens que, de alguma forma, ainda servem para distinguir as famílias, homenagear guerreiros ou mortos, que buscam proteção”, explica o tatuador Glauco.

E o biólogo, P. M., ainda vai mais além: “Quando se é adolescente, até existe a vontade de marcar o corpo como forma de protesto, porque se quer ir contra alguns valores impostos pelos pais ou pela sociedade. O que se quer é encontrar a própria

identidade. Hoje em dia, no entanto, isso também não faz mais sentido. As pessoas não ficam mais chocadas com as marcas. Elas se tornaram algo muito normal”.

Se antes o público que se deixava marcar pela agulha dos tatuadores era radical, subversivo ou militante, hoje não é mais. Agora, exibem na pele as marcas de um tatuador, artistas, modelos e todo o tipo de “vítimas do capitalismo” que se renderam à prática: a tatuagem agora é pop.



REPRODUÇÃO

Dos pés à cabeça

Quem nunca usou All Star que atire a primeira pedra. O tênis que é fácil de calçar há muito tempo é conhecido por todos. Mas nem sempre foi símbolo da cultura pop. Desenhado como forma de protesto pelo jovem Marquis Converse, contra o deslizante piso de sua casa, o tênis foi projetado com um solado antiderrapante e veio a ser usado nos pés de diversos tipos de pessoas.

Nos anos 70, ele atingiu o público que o tornaria um verdadeiro símbolo de subversão: o movimento punk. Não apenas como ícone de um protesto contra valores sociais, o All Star significava um rompimento com a moda.

Ícone da subversão musical da época, a banda Ramones se tornou forte adepta do calçado, o que ajudou a alavancar o sucesso do All Star no meio alternativo. Mais tarde, Kurt Cobain, vocalista da banda Nirvana, também viria a exibir os tênis especialmente inundos pelos palcos do mundo. Usar um par de-

les significava um posicionamento contra tudo que era considerado adequado pela sociedade: o All Star era marginal. Era simples, surrado e, principalmente, barato. Mas nem o tênis com o design mais simples, de pano e solado de borracha escapou do processo de modificação de seu significado na sociedade.

A década de 1980 veio e com ela a popularização do calçado. O lançamento do modelo três em um, cuja sola era ligada com um zíper à parte de cima, serviu como alavanca para a entrada do tênis no mundo da moda. Nos anos 2000 se consolidou como hype ao figurar nos pés de artistas e modelos, e a venda da marca Converse para a Nike, em 2003, ajudou a popularizá-lo ainda mais. Em 2008, o All Star completou cem anos de existência. Marginal ou não, ele provou que, independentemente da forma como as pessoas o vêem, ele se consolidou na sociedade.

Entrevista: Norton Guimarães

Pedro Argenti
pedroargenti@gmail.com
Maria Lina Colnaghi
linacolnaghi@gmail.com

"Cada corrupção dessas que o cara rouba milhares de dólares e de euros, ele tá matando sem dar um tiro"

Norton Guimarães tem 51 anos – 30 dedicados ao crime, tendo vivido 11 deles na prisão. Usuário de drogas desde a adolescência, com problemas familiares e fruto de uma sociedade em que o Estado não se faz presente, Norton se tornou um dos maiores assaltantes a bancos e carros-fortes do Rio de Janeiro.

Ele conquistou sua liberdade em 2006 e já está há mais de um ano no Grupo Cultural Afroreggae, uma organização que procura oferecer uma formação cultural e artística para jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro de modo a promover a inclusão social. Graças ao coordenador executivo da instituição, José Júnior, Norton promove a inclusão de jovens no mercado de trabalho, tirando-os da criminalidade e da marginalidade.

Norton Guimarães é o entrevistado desta 3x4 por sua história de vida: a história de quem viveu à margem da sociedade por muito tempo e hoje se insere nela, levando seu aprendizado ao jovens, para que não sigam o seu longo e espinhoso caminho.

3x4 - Como foi a tua infância, o teu ambiente familiar?

Norton – Até os quatro anos de idade eu tinha uma família estruturada. Meu pai era uma pessoa muito agressiva, trabalhava no Detran na época, como advogado, e minha mãe era dona de casa. Ela tinha os sonhos dela, que era tocar piano e outras coisas mais, e ele tolhia sempre. E eu me lembro que foi uma fase muito decisiva na nossa vida. No início de uma semana, uma segunda-feira, minha mãe estava fazendo uma feijoada junto com a empregada e meu pai cismou que ela tinha que passar uma camisa que estava para passar. Mas já tinha várias outras camisas passadas e minha mãe dis-

se que não teria condição. Ele agrediu ela, deu um soco na cara dela e começou aquela briga. Foi espalhando feijão, aquele negócio todo no chão. E aí eles se separaram. Na separação minha mãe perdeu tudo, a gente teve que morar com a minha avó, com a minha tia, e começou uma fase muito difícil na minha vida. Morar em comunidade.

3x4 - Tu acreditas que isso tenha contribuído para o teu interesse por drogas mais tarde?

Norton – Eu comecei a estudar e a ter algumas amizades. Em convívio em comunidade, de favela, a gente vê pessoas usando drogas. E eu comecei com o negócio de maconha. Mas não gostei porque eu não gostava do cheiro da maconha, me fazia mal, me deixava abobalhado e aí eu passei pra cocaína. E fiquei muito tempo dependente químico. E isso foi um pulo, aos 17 anos, foi um pulo porque eu não trabalhava. Minha mãe não tinha condição, ela trabalhava no jornal Última Hora e no Hospital Pedro Ernesto. Ela não tinha condição de me dar as coisas também, de me vestir, de me calçar, e a nossa alimentação já era bastante reduzida. A gente tinha poucas coisas dentro de casa. Daí eu comecei a praticar os pequenos delitos, como furtos de toca-fitas. Aí começou tudo. Era para sustentar o vício. Foi passando o tempo e eu já tinha alguns contatos na época com a Falange Vermelha – a facção que hoje em dia é o Comando Vermelho aqui no Rio de Janeiro – e fiz muito contato. Mas eu nunca gostei do tráfico em si, de trabalhar em boca de fumo, de ser dono de boca de fumo. Eu sempre gostei mesmo é de assaltar: cargas, bancos, carros-fortes. Naquela época tinha muito disso. Aí começou meu martírio de prisões, de idas e vindas a penitenciárias.

3x4 - Em entrevista ao jornal O Globo tu disseste que teu interesse não era só por drogas, mas também por carros, ouro e mulheres. Como é isso?

Norton – É. Ouro, mulher, carro – não gosta-

va de roubar carro não, gostava era de comprar. Não colocava no meu nome, o único que eu coloquei no meu nome me levou preso, porque tinha meu endereço. Mas eu gostava realmente disso tudo.

3x4 - Tu acreditas que as pessoas vivem sob uma grande pressão que as faz almejar coisas que não têm condições de adquirir levando-as a cometer crimes?

Norton – Eu acredito, hoje em dia, em falta de oportunidades e escolhas mal feitas. As oportunidades são bem poucas, e escolhas também. Eu tive que fazer uma escolha. Mas era falta de oportunidade mesmo. Hoje eu tive que marcar a entrevista às 14 horas porque 11 eu tinha que estar numa firma que nós temos uma parceria com a empregabilidade. Eu trabalho com isso no Afroreggae, com um projeto de geração de empregos. Então eu tento encaminhar as pessoas, tirar as pessoas da criminalidade. Eu acabei agora de encaminhar quatro pessoas. Dessas quatro pessoas, são três que saíram da criminalidade. Só que é muito difícil. Eu sei como foi o meu sacrifício depois que eu saí da prisão dessa última vez em 2006. Quando eu ganhei minha liberdade condicional, eu fiquei praticamente seis meses batendo de porta em porta, e as portas todas de se fechando mesmo, até mesmo na minha própria família as portas estavam se fechando. E eu fui muito iluminado. Eu tenho 51 anos de idade, fiquei 32 anos na criminalidade, fiquei 11 anos preso. Eu tive muita sorte de encontrar o Júnior no meu caminho.

3x4 - E como foi esse encontro com o Júnior?

Norton – Teve um domingo na minha vida, eu tava passando muita necessidade mesmo, passando fome, tava numa dificuldade terrível. Nem café a gente conseguia, merenda pra minha filha a gente não conseguia dar, ela comia no colégio. Só que eu não queria ter mais convivência nenhuma com o crime, eu não queria mais cometer delitos e pedir nada a bandido nenhum. Aí, nesse domingo, a minha esposa pediu pra gente ir numa igreja evangélica e nós fomos. Chegando lá, eu esperei acabar o culto, quando deu 10 horas da noite, eu fui na direção do pastor para falar com ele, e tal. Eu queria uma orientação espiritual. Chegando no pastor,

ele me perguntou depois de tudo que eu falei, que eu era ex-presidiário, me perguntou o que que eu tinha de valor. Aí eu falei que a única coisa que eu tinha de valor era uma barraquinha que eu tinha ganho para fazer batata frita, que eu só não tava fazendo ainda porque eu não tinha dinheiro nem para comprar batata e óleo, todas essas coisas. Ele falou para eu colocar a barraquinha na fogueira santa que Deus ia me dar em dobro. Pô, fiquei muito puto, fui embora falei, "Pô só dando um tiro na cara desse pastor". Aí fui embora boladão, fui pra casa e no outro dia eu procurei o pastor Marcos. O pastor Marcos tem uma igreja aqui no Rio, a Assembléia de Deus dos Últimos Dias, ele é conhecido nacionalmente e internacionalmente, ele é um cara de Deus mesmo. Ele

era um cara que freqüentava muito, e agora tá voltando a freqüentar, o centro penitenciário, e ajuda muito as pessoas a largarem a criminalidade. Envolto na religião. E ele ia em rebeliões. Eu sempre fui, não é bem líder, mas sempre estive à frente nas rebeliões, e tinha sempre a presença dele nas rebeliões. Ele sempre ajudava muito a gente. Aí eu fui lá nele, e ele se sentiu surpreso de eu ter saído rapidamente, que eu tava na condicional, e ele ficou todo feliz, pediu pra eu aguardar e (não levei ninguém, nem minha filha nem minha esposa, fui sozinho) jantamos juntos (quanto tempo que eu não comia nada, pô, jantei comi pra caramba, quase passei mal). E dali eu já saí, ele me deu uma cesta básica, né? E começou a me ajudar. Uma semana depois ele me chamou na igreja, e me apresentou o José Júnior. Nessa época eu tava devendo seis meses de aluguel, uma dificuldade, minha geladeira parecia até uma piscina, só tinha água. Tava uma loucura a minha vida mesmo. Tava devendo mais de R\$ 1,8 mil de aluguel. Aí o Júnior escutou minha história, tava junto até uma jornalista da Veja, eles escutaram a minha história, se emocionaram e o Júnior entrou no banheiro e eu ainda pensei "Pô mais um filho da puta, vai ficar cagando, não vai nem me dar atenção". Aí ele voltou do banheiro e pediu para eu passar no Afro-reggae que ele ia pagar os meus alugueis

atrasados e me dar um dinheiro para alimentação. Eu achei maravilhoso e começou essa minha nova vida. Faz dois anos que eu trabalho com empregabilidade e palestras.

3x4 – Qual é o público que o Afroreggae assiste?

Norton – O nosso público-alvo é o excluído. Para que a gente possa incluir socialmente esse público. E eu acho que a empregabilidade é a primeira etapa para a inclusão social. Sem trabalho, as pessoas não têm como conseguir alguma coisa. A gente tem quatro núcleos em comunidades: Cantagalo, Vigário Geral, Parada de Lucas e Complexo do Alemão. E tem também um outro núcleo que a gente trabalha que é lá em Nova Iguaçu. Nosso público é esse, aquele pessoal realmente excluído. A gente faz, dá algumas oficinas de grafite e percussão. O Afroreggae é conhecido não só no Rio, mas nacionalmente e internacionalmente. Tem até uma coisa que a gente fala muito agora, que a gente leva tecnologia social para fora do Brasil. A credibilidade, a visibilidade que o Afroreggae tem hoje em dia é muito legal, muito importante.

3x4 – Tecnologia social. Com isso vocês pretendem dizer mais precisamente o quê?

Norton – Mais precisamente é que a gente consegue passar esperança para as pessoas. A gente consegue mostrar que não é utopia a gente conseguir encaminhar para o emprego e os estudos. Eu faço palestras, eu tenho uma parceria agora com a Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, como voluntário, fazemos palestras em colégios eu e um policial civil. O alvo: na realidade quem necessita de carinho, de inclusão, de amor, de um papo. Às vezes num papo você consegue tirar uma pessoa da criminalidade, mostrando a ela um caminho, sendo uma referência, como eu fui durante muito tempo na criminalidade hoje

em dia de uma forma diferente. Minha referência é pelo trabalho. Então, muitos conseguem sair por isso.

Tento passar pra eles que eu fui um espelho do mal, hoje sou um espelho do bem para eles.

3x4 – E nesse teu tempo de presidiário, o que tu podes nos dizer sobre o sistema penitenciário? Como isso contribui para que as coisas piorem na vida das pessoas?

Norton – O sistema é um sistema falido, muito problemático mesmo, com uma carência grande mesmo, uma dificuldade pra se ter as coisas. Se a tua família não levasse algumas coisas... Eu comi muita comida estragada, muita comida azeda. As agressões eram muito grandes, não só física, mas verbal também. Tem mudado aos poucos o sistema penitenciário do Rio de Janeiro, tem mudado realmente. Depende também muito do preso porque o preso tem os direitos, mas tem os deveres. Então para cada direito você tem um dever a cumprir. Falta muito a capacitação, a qualificação do preso, o preso estudar. De que adianta você prender uma pessoa durante anos, a pessoa passar várias agruras na vida, decepções, agressões, ver a família passar várias dificuldades, às vezes nem poder te visitar porque não tem o dinheiro da passagem e você tá lá dentro, vivendo ocioso, não trabalha, não faz um curso, não estuda, não faz nada? Você chega na rua e continua a mesma coisa porque ninguém quer te dar uma oportunidade profissional, capacitar você, qualificar para que você tire aquela arma da mão, para que você tire aquela droga da mão, para que você possa se ressocializar. Na realidade, essa é uma palavra um pouco mentirosa. Ela consta no dicionário, mas gostaria que contasse na realidade no coração e na mentalidade de muitos brasileiros, mas não consta. A sociedade tem uma parte hipócrita, porque ela pede o término da violência, ela pede realmente para acabar essa violência, ela quer acreditar em um mundo melhor, mas ela não faz nada para que isso aconteça. Não dá sua parte. Como é que se dá a sua parte? É ajudando aquele que está saindo do crime. Eu não posso dizer com certeza que todos vão querer. Mas eu tenho certeza, porque eu tive uma convivência muito grande no crime, que a maioria vai querer essa oportunidade.

3x4 – E como é que tu avalias o fato dessas questões sociais serem trata-



das no nosso país como questões de polícia?

Norton – Eu acho que a última secretaria a entrar em uma comunidade teria que ser a secretaria de segurança. Eu acho que antes de qualquer coisa quem teria que estar lá era a secretaria de educação e cultura, a de esporte e lazer, a de saúde, a de habitação, saneamento básico. Tudo isso que realmente necessitam aquelas pessoas das comunidades, aquelas pessoas que tem um poder aquisitivo bem baixo, aquelas pessoas que moram lá mas que trabalham, porque bandido lá é menos de 1%. O Júnior fala muito nisso e é uma verdade. No Complexo do Alemão é menos de 0.001%. Então, na realidade, a polícia – eu tenho feito esse trabalho com esse amigo e quero acreditar na polícia – é tachada como corrupta, como repressora. Ela se torna uma linha daquela ditadura que a gente conheceu em épocas atrás. O que vai ter que mudar é a estrutura. Agora essa mudança ela tem que vir de cima.

O que adianta você querer mudar uma mentalidade de um soldado ou de um

cabo se a mentalidade de um patente maior é aquela mentalidade arcaica, é aquela mentalidade corrupta, é aquela mentalidade agressiva? Não adianta nada. Eu acho que no Brasil, a gente tem que se ajudar muito. Da mesma forma que eu não tenho utopia de achar que o crime vai acabar, que todos vão querer trabalhar, da mesma forma eu não tenho a utopia de que vá acabar essa corrupção. Porque isso é um câncer, é uma doença muito grave. E ela está em todos os setores. Ela está na política, no Judiciário, está nos grandes empresários, ela está em vários setores da nossa sociedade. Agora, é brabo você escutar que houve um confronto entre policiais e traficantes e dizerem que mataram 19 bandidos e, na realidade, daqueles quatro ou cinco ou seis eram bandidos e o resto era tudo trabalhador, como teve na chacina de Vigário Geral. E esses trabalhadores morreram por uma brutalidade, por um confronto desigual, por uma coisa infame, de uma agressão policial que entrou numa comunidade pra cobrar ou pagar aquilo que tinha sido feito com outros policiais. Quer dizer, ti-

rou simplesmente a vida de pessoas sem ligação nenhuma com o tráfico, com a criminalidade.

3x4 - No teu tempo de assaltante, tu chegaste a pensar que a tua atuação nos assaltos tinha alguma espécie de engajamento político? Tu acreditavas que fazendo aquilo tu estavas de alguma forma fazendo justiça social?

Norton - Não, eu não tinha essa idéia de Robin Hood não e nem posso levar essa idéia de que teria um cunho político e social. Na verdade eu fazia porque eu era um dependente químico, eu fazia porque eu não tinha aquela oportunidade que eu almejava, eu fazia porque eu queria dar uma condição para a minha família, queria ajudar as pessoas da comunidade, mas não tinha um cunho político e social não. Na minha época o traficante tinha essa parte de assistencialismo realmente, cesta básica, pagava gás, pagava mercado para as pessoas, pagava enterro, na realidade na minha época tinha disso. Eu até fiz muitas vezes. Roubei caminhões de cargas de alimentação e deixava numa comunidade para que eles pudessem ter as coisas.

3x4 - Tu falaste em assistencialismo. Em tempos de eleições a gente vê isso na política, compra de votos e ações que promovem bem-estar paliativo em comunidades. Tu achas que esse assistencialismo do tráfico é pior ou tão ruim quanto o assistencialismo da política?

Norton - Eu acho o da política pior. Porque o bandido, quando ele faz esse tipo de assistencialismo, ajuda uma pessoa que é da comunidade num gás, numa cesta básica, num enterro, ele está querendo realmente a cooperação da pessoa em termos de calar a boca e tudo o mais, mas ele não está num lado em que ele pode sempre ajudar as pessoas. O político usa o povo para esse tipo de coisa, pra que ele possa financeiramente ter um cargo, e depois que ele faz o churrasco dele, leva as caixinhas de cerveja dele, dá jogo de camisa dele, nunca mais. Fica quatro anos sem voltar àquela comunidade. A maior parte é assim.

3x4 - Qual deveria ser o papel do Estado brasileiro em relação à população marginalizada?

Norton - Recuperar. É a grande realidade, não matar, não se isentar de suas obrigações. O Estado é ausente, tão ausente que aqui o tráfico tem três facções e ainda tem uma quarta agora

que é a milícia. A milícia é a mesma coisa que o tráfico, só não vende drogas. Mas ela é feita de ex-policiais, de policiais, de agentes penitenciários, de pessoas que, na realidade, se juntam para fazer uma proteção, entre aspas, da comunidade. O problema do Estado é a ausência dele. Quando se fala em ausência, acham então que tem que botar a polícia. Não tem que botar a polícia, não. O Estado não dá saúde, habitação, saneamento básico, educação. As coisas principais o Estado não dá. É difícil tu ver o que o Estado pode fazer. O que o Estado pode fazer? Nada, eles querem entrar na política, eles querem ter seus R\$ 13 milhões, R\$ 15 milhões, fazer o nepotismo deles, cada vez trazer mais parentes. Homicídio é um crime hediondo? Sim, é um crime hediondo. Tráfico de drogas é um crime hediondo? Também. E político que rouba, faz evasão de divisas, corrupção ativa e passiva, empresário que rouba? Os crimes destes não são hediondos? Nossas leis são muito falhas, tem uma porrada de advogado que é águia e conhece tudo, vai no código penal ver se talvez, quem sabe, pega ali, bota o *habeas corpus* e o cara tá na rua. A cadeia, na realidade, é feita para pobre, preto, favelado e nordestino. Infelizmente é assim. E eu acho que ainda vai ser por muito tempo. E existem as suas exceções, mas não é uma regra. E é onde deveria ter regra e não exceções. Cada evasão de divisas, cada corrupção dessas que o cara rouba milhares de dólares e de euros, ele tá matando sem dar um tiro, mas ele tá matando milhares de pessoas. Milhares de crianças que não têm saúde, milhares de crianças que não tem a educação, milhares de crianças que morrem sem saúde, habitação.

3x4 - Se o Estado fosse atuante, tu achas que o tráfico teria tanta influência como tem hoje junto às comunidades?

Norton - Claro que não. As pessoas são carentes na comunidade, as pessoas são muito carentes. O Estado não se faz presente. Aí a única forma de eles procurarem um acalanto é ali, é o traficante que está com eles. O cara tá cheio de ouro, como eu andava, fuzil na bandoleira, cheio de granada na cintura, folheando dinheiro pra caramba. Carros com mulheres, bailes, festas e tudo o mais, isso aí é um glamour para a garotada que tá vendo aquilo. Eu não sei como é a mídia no Rio Grande do Sul, não sei como é que vocês fazem, mas aqui no Rio de Janeiro é sensacionalista demais. Nem todos, mas uma grande parte. Se tem um confronto

no complexo do Alemão, Rio 4, isso sai em capa de jornal, fica falado no jornal da manhã até finalizar aquele dia e ainda volta no dia subsequente. Agora se o Afroreggae tirou 20 pessoas da crimi-nalidade ninguém sabe, e até que o Afroreggae tem uma visibilidade grande, imagina as outras ONGs que fazem trabalhos maravilhosos, e as ONGs só existem pela ausência do Estado e graças a Deus que existem pois o papel que fazem as ONGs o governo, não só o municipal e esta-dual mas o federal também, não teria condições de fazer nem 1%. É um acúmulo de erros.

3x4 - Tu acreditas que a mídia contribui para manter o sistema que criminaliza as pessoas das comunidades?

Norton - Você acredita que o que mais vende jornal é bandido trocando tiro com polícia, o Flamengo ganhando de goleada e mulher nua, pelada? É o que mais vende jornal. Eles querem que as mulheres de dis-pam cada vez mais, que o Flamengo sempre dê uma porrada em alguém, e querem que a bala coma toda hora. Pelos jornais seria sempre assim. Às vezes sai uma notícia no jornal de manhã, fulano de tal está escondido em tal lugar e de tarde sai uma operação sinistra e o cara nem tá lá, tá numa outra comunidade, aí tem um confronto policial, uma operação, duzentos policiais entram na comunidade dando tiro a esmo pra cacete, morre seis pessoas, três feridas a bala, e dessas seis quantas são bandido? Duas. Há duas ou três semanas atrás deu uma notícia que eu fiquei muito entristecido, e em tempos atrás eu não ficaria não, porque há seis anos um policial pra mim ia ser que nem gato e rato, eu dava tiro nele ele dava tiro em mim. Saiu uma notícia de que a polícia faria uma operação no Complexo do Alemão devido à morte de um traficante. Foram não sei quantos policiais. A filha de um policial, da mesma idade da minha filha Taíssa, telefonou para o pai perguntando onde ele tava e se ele ia embora pra casa e ele falou com ela "fica tranquila filha que papai já tá indo embora pra casa" e mandou um beijo pra ela. Três minutos depois, ele levou um tiro no colete e morreu. Aí eu pensei comigo mesmo, caramba, eu fui iluminado na minha vida, a minha força vital pra largar isso tudo se chama Taíssa, que tem nove anos de idade e é minha filha. Tenho três filhos, a Patrícia, do primeiro casamento, o Iuri, do segundo, e a Taíssa, do terceiro. A Taíssa foi fundamental para mudar a minha vida.

3x4 - Qual é a importância da família no momento de reabilitar uma pessoa?

Norton - Sem comparação, cara. Eu vi a minha família quando eu saí ter que dividir um ovo, dividir mesmo, minha esposa tinha que fritar o ovo e dividir pra comer ela e Taíssa com feijão com arroz e eu comia o feijão com arroz. E eu dizia "Taíssa, papai não tem dinheiro pra comprar merenda", e ela dizia "não tem problema não, papai, lá no colégio tem comida", "mas você não gosta de peixe", e ela "não pai, mas eu tô aprendendo a gostar". Ela com sete anos de idade falava isso pra mim. É motivo de emoção, é inexplicável. A Taíssa me marca todos os dias da minha vida, que está sendo feita de muitas glórias, todas as pessoas que trabalham no Afroreggae colaboram muito com tudo isso. Eu sou envolto de pessoas do bem, quando a gente trabalha com pessoas do bem que querem a mesma coisa, o mesmo ideal, isso é muito importante.

3x4 - O Afroreggae faz trabalhos nas comunidades com produção audiovisual. Qual a importância destes trabalhos nestas comunidades?

Norton - É importantíssimo. A carência é muito grande nas comunidades. Quanto tu chega com um dos nossos filmes e documentários, com palestras, falando com as crianças e os jovens, passando uma mensagem, tudo o que você passa com amor, carinho e afeto, para aquelas crianças significa a beça, porque essa é a esperança deles, um mundo melhor, essa é a minha esperança, essa é a tua esperança. Em todo o lugar do mundo, quem tem boa índole, quem tem bom coração, não importa se foi ex-presidiário, não importa se cometeu delito, pagou pelo delito, todos têm o direito à regeneração, à ressocialização, o direito de poder ajudar as pessoas, ajudar o próximo, e a coisa mais importante e vital no mundo é ajudar o próximo. O Júnior diz: o Afroreggae é uma ponte de mão dupla que une o rico com pobre, o preto com branco, médico com ex-bandido, une essas partes e isso é muito importante.

3x4 - Tu tens esperança de que um dia não haja tanta desigualdade social?

Norton - Tenho, claro que tenho. O Afroreggae existe.

A palavra e a periferia

Guilherme Villa Verde
guivillaverde@yahoo.com.br

“Creio que a literatura serve como uma das muitas possibilidades do homem de realizar-se como homo ludens. E, em última instância, como homem feliz. A literatura é uma das possibilidades da felicidade humana. Fazer e ler literatura” (Julio Cortázar)

João de Souza Machado dirige seu Fusca 74 na avenida Vicente Monteggia. A cada sinal vermelho, lembra ao caroneiro de que ele precisa se segurar no putamerda instalado sobre o porta-luvas. “O teu banco está solto. No domingo preciso tirar ele do carro, é o único jeito de caber tudo o que levo pra feira”.

À medida que o veículo se aproxima das vilas da zona sul de Porto Alegre, a paisagem se modifica. No horizonte já não se avistam mais prédios, e sim o relevo dos morros verdes, alguns cobertos por pequenas manchas, aglomerados de casas de madeira ou alvenaria. João aponta algumas construções recentes às margens da pista. “Por causa do BarraShopping, as vilas que ficavam por lá estão se mudando pra cá”. Seu destino é a vila Campo Novo, onde fica sua residência desde 1982.

Após percorrer um caminho inteiramente asfaltado desde o bairro Cristal, entra numa estrada de chão batido. Estaciona o Fusca e retira do porta-luvas uma alavanca. Ela é encaixada na porta, para acionar o mecanismo de abertura. As duas portas do veículo não possuem travas e por toda a cabine há ferragens à mostra, sem revestimentos. Talvez outro truque para ampliar o espaço.

Abre um frágil portão de ferro e, ao pisar no gramado do quintal, é cercado por cinco cães viralatas, que o recebem com grande alegria, pulando em seu corpo e

lambendo-lhe as mãos. A porta da casa também não possui nenhuma tranca, basta desatar o nó de uma corda, cuja outra ponta está amarrada a uma árvore.

Foi ele próprio, com a ajuda de sua atual esposa, Irene Oliveira Machado, quem construiu a moradia. Ao se divorciar da ex-mulher, deixou a casa que possuía na vila Restinga. Com o dinheiro que tinha na poupança, comprou um novo terreno, mandou vir uma carga de 13 mil tijolos de Santa Catarina, uma caçamba de areia de um depósito na rua Voluntários da Pátria e um caminhão de argamassa. O cimento foi comprado pouco a pouco, para não estragar. “Naquela época a poupança funcionava, no tempo da ciranda financeira”. Utilizando os anos de experiência de trabalho na construção civil, fez dois quartos, cozinha, sala e banheiro. Depois foi ampliando. Ia construir uma garagem, mas acabou transformando ela em varanda – os parentes de Irene lhe alertaram de que o ambiente era muito agradável para receber as visitas.

Entra na sua residência e anda por corredores estreitos. Eles desembocam em salas onde há várias estantes, repletas de livros. Daí vem o seu apelido: João dos Livros. “Não sei quantos tenho, nunca me dei ao trabalho de contar”. Caminha entre as estantes, falando ininterruptamente. Conta histórias de sua vida pessoal e, com a mesma riqueza de detalhes, da vida de grandes escritores,

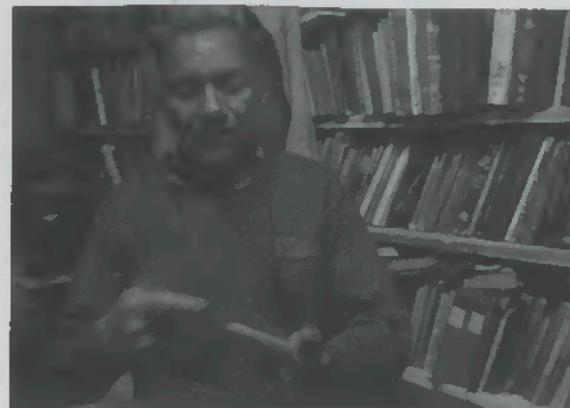
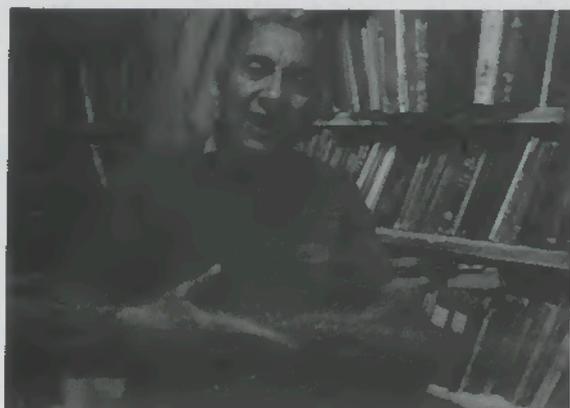
cujas obras cobrem as paredes. As mãos gesticulam rapidamente, tentando acompanhar a agilidade do raciocínio. De quando em quando apanha um livro, abre em determinada página e lê um pequeno trecho, para ilustrar o que dizia. Quando não encontra a página correta na primeira tentativa, devolve o livro para a estante e cita outro trecho, de memória. Entre os autores prediletos estão Aldous Huxley (“foi por muito tempo o modelo de Érico Veríssimo”), Castro Alves (“nosso poeta maior”), e Hermann Hesse (“já fiz quatro leituras em voz alta de Sidarta”). A cada passo, um novo olhar para as estantes aumenta a lista. “A Espanha tem Cervantes, a França tem Victor Hugo, a Itália tem Giovanni Papinni”. Apanha o primeiro volume de *O Tempo e o Vento*, e, enquanto elogia o trabalho de Érico Veríssimo, cita a máxima de Tolstói: “Canta a tua aldeia e cantarás o mundo”. Explica que, no mundo todo, se repete a realidade que cerca sua casa – pessoas interdependentes, vivendo juntas, sofrendo juntas.

João dos Livros nasceu em Vila Vasconcelos, interior de Tapes, em 1939. Saiu de casa pela primeira vez aos dois anos de idade, dado para criação. Daí para frente passou por diversas famílias, com breves intervalos de retorno à casa de sua mãe natural, dona Eva. Aos seis anos, foi adotado por Geneci, um domador de cavalos cuja esposa não podia ter filhos. Acabou fugindo de lá aos nove anos, com medo de que o matassem. “Ele era um bom homem. O problema era a mulher dele, a Ninícia”. Por causa do trabalho, Geneci precisava se ausentar de casa com frequência. Em sociedade com outros domadores, levava dezenas de cavalos para Encruzilhada, onde morava seu pai, e só voltava de lá seis

meses depois. Eram nesses períodos que João mais sofria, as surras eram freqüentes. Mas, além da violência, havia outros tipos de abuso. “Ela me botava na cama dela, pegava minha mão, botava em cima da xota dela, e queria que eu movimentasse a mão”. Temendo que fosse alguma armadilha, João ficava parado. “Como eu não fazia nada, ela se levantava e pegava os arreamentos dos cavalos”. Ele era pendurado pelo pescoço com as cordas, presas a uma viga de madeira. Quando estava ficando roxo, Ninícia soltava a corda e ele caía no chão, desmaiado. Ela esperava que João se acordasse e então começava a bater.

Caminha até o quarto e pára em frente a um relógio. Explica que mantém com disciplina o horário que dedica à leitura, das três às cinco horas da madrugada. Ainda atento ao movimento dos ponteiros reflete sobre a passagem do tempo. Constata que o mundo de agora não é o mesmo de quando era criança. Esta mudança é muito lenta, quase imperceptível, mas constante. Os costumes mudam, pessoas morrem, e os que sobram são os velhos, os remanescentes. “Vocês, jovens, nos olham como se não fôssemos nada”.

Atravessa novamente o corredor, com os óculos de leitura pendurados no pescoço, pronto para qualquer emergência. Mostra um quadro na parede da sala, onde há um poema seu, ilustrado pela artista plástica Amarina Prado.



Com a obra, tirou primeiro lugar no concurso Exposição, realizado na Casa de Cultura Mário Quintana. Repetiu a primeira colocação em diversas edições do concurso na década de 90. Em uma delas, sua poesia foi ilustrada por Ivanize Mantovani e ganharam a primeira dobradinha – melhor poesia e melhor ilustração.

Comprou o primeiro livro aos dez anos de idade – *A Ladeira da Memória*, de José Geraldo Vieira. Ao chegar em casa, mostrou para a mãe, orgulhoso, sua nova aquisição. Ela achou que o filho estava louco. Como podia se interessar tanto por um livro se era analfabeto, não sabia sequer escrever o próprio nome? “Eu não era louco.

Gostava da forma do livro, da capa, achei bonito”. Aprendeu a ler meses mais tarde, quando passou um tempo na casa de um tio.

“Ele me mostrava os objetos e, a partir deles, formava as letras. O anzol era o *jota*, e assim por diante”. Em seguida foi adotado pelo dono de uma granja de arroz em Capivari, que lhe prometeu roupas novas e educação. Lá chegando, só ganhou serviço. Trabalhou nos tratores, em turnos de doze horas. Se alguém adoecesse, era ele quem tinha que aumentar o tur-

no. Aos dezesseis anos, cansado da exploração, alistou-se voluntariamente no exército e foi morar em Porto Alegre, na casa de um irmão.

João sai de sua residência e liga novamente o Fusca. Resolve voltar à sapataria e adiantar o serviço do dia seguinte. Aprendeu o ofício de sapateiro em 1964. Trabalhava como pedreiro, mas um problema de saúde o afastou da profissão. Estava com hemoptise, devido a uma lesão na parte inferior do pulmão. Se fizesse muito esforço físico, teria hemorragia.

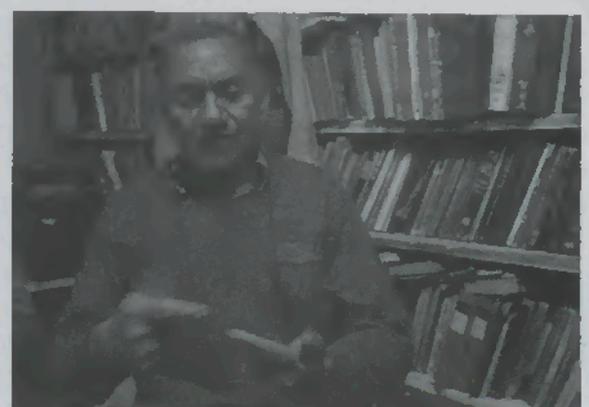
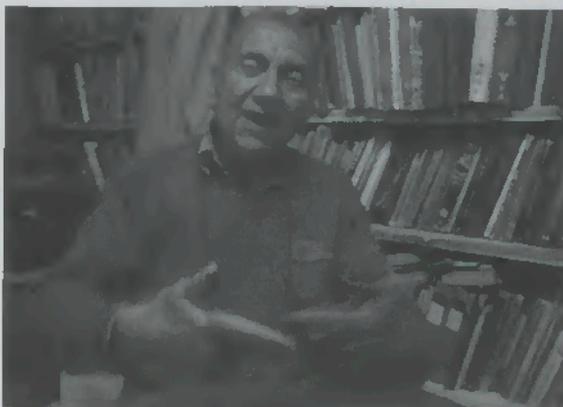
O auxílio que passou a receber do INSS, 70% do salário que constava na carteira de trabalho, era insuficiente para sustentar a mulher e a filha de seis meses. Conheceu um uruguaio, chamado Gonzáles, que demonstrava grande habilidade para fabricar e consertar sapatos, mas era alcoólatra e estava com problemas financeiros. João ofereceu um espaço em sua casa para o novo amigo dormir. Em troca, o uruguaio lhe ensinou tudo o que sabia.

Entre 1970 e 1979 morou na vila Restinga. Atuou como líder comunitário e passou a ser conhecido na comunidade pelo gosto que nutria pela poesia. Na época da campanha eleitoral para cargos estaduais eram freqüentes as visitas de candidatos da ARENA. Numa delas, João estava ajudando a servir um grande almoço, para recepcionar as autoridades. Um amigo seu entrou no pavilhão, acompanhado de um deputado e disse que o político queria conhecê-lo. “Ele já tinha tirado a informação, sabia quem poderia ser fator multiplicador de voto”. O amigo apresentou João como “o poeta Souza Machado”. Afetando grande comoção, o deputado abraçou João, dizendo-se fã de suas poesias. João nunca tinha publicado nada. “Tu vê como esses caras inventam... Chegou a falar que eu descrevia muito bem as flores”.

Já publicou poesias em sete coletâneas, a primeira delas em 1986. As edições foram organizadas por Nelson Fachinelli, ex-presidente da Casa do Poeta Brasileiro, falecido em 2006. “Nunca publiquei

um livro sozinho, minha vaidade não chega a tanto”.

Aos domingos, João dos Livros monta uma barraca no Brique do Gasômetro, em Porto Alegre. Participa da feira desde 2000, onde é o único livreiro. A cada cliente que se aproxima da banca, pergunta a preferência literária, recita poesias e mostra alguma obra rara. Frequentemente, as discussões duram horas e o cliente é convidado a visitar a sua casa e tomar algum livro emprestado. João parece estar mais interessado em trocar idéias do que em vender mercadorias. Entre seus clientes habituais, há médicos, advogados, filósofos e sociólogos. Mesmo sem ter o Ensino Primário, não se sente discriminado. Acredita que a cultura, adquirida na leitura obstinada dos mais variados autores, permite-lhe conversar e fazer amizade com pessoas de educação elevada. Perguntado sobre o papel que a literatura teve em sua vida, resume de imediato (seu discurso ágil não permite pausas): “Não bebo, não jogo, não sou viciado em sexo. Sem os livros eu seria um homem profundamente deprimido”.



Um puta M.E.R.D.A.

Os desafios enfrentados pelos movimentos marginais quando governos oferecem apoio

"Hey, ho! Let's go! Hey, ho! Let's go!" é o som que vem um grupo reunido em uma arquibancada de concreto, em formato de meia lua. De lá, o grupo gritava o clássico refrão punk rock dos Ramones. Ao centro uma bateria e uma guitarra davam os compassos à canção puxada pelo vocal que incitava a multidão.

Esta é a 27ª vez que, naquele mesmo local (Praça João Goulart, centro do município de Alvorada), jovens se reúnem para tocar músicas e mostrar o valor da sua expressão. O Ensaio de Rua é caracteristicamente *underground*. Seja pelo quesito música – ao participar espere apenas bandas de *punk rock*, *hard core* e afins – seja pela sua concepção. O primeiro Ensaio de Rua foi realizado em 19 de agosto de 2001, sem a autorização da prefeitura. Um ato transgressor, que após muita briga e insistência, deu origem a um evento legal.

Chuck, como é conhecido pelos integrantes do evento, é o organizador e um dos criadores do Movimento Ensaio de Rua de Alvorada (M.E.R.D.A.). Ele e alguns amigos, entre eles o Punk, também fundador do movimento, tem uma banda chamada Distúrbios, influenciada pelos *Garotos Podres*. A ideia surgiu em uma rádio local, a Rádio Integração, durante um programa sobre rock que apresentavam. Decidiram enviar um projeto cultural para o Ministério da Cultura, então dirigido por Gilberto Gil, pedindo um incentivo. O projeto foi aprovado e eles conseguiram R\$ 150 mil para investir no M.E.R.D.A. Nesse meio tempo Chuck esteve na Bienal de São Paulo, representando a rádio comunitária. Quando voltou, alguns integrantes do movimento afirmaram não querer mais organizar os eventos, queriam oficinas e workshop. Essas pessoas se encarregaram do dinheiro recebido do Governo Federal e pretendiam modificar a ideia central do M.E.R.D.A. "Sumiram" com o dinheiro ganho.

Mesmo após o desfalque, o M.E.R.D.A seguiu em frente conforme manda uma das idéias centrais do movimento Punk: "faça você mesmo". E realizaram o primeiro encontro. Anti-consumistas, acreditam que as pessoas são capazes de fazer muito mais do que se julgam capazes. Basta que queiram a aprender e trabalhar. A

to, a secretária de cultura interferiu, mandou fiscais recolherem a aparelhagem, alegando que continuavam sem permissão. Chuck disse-lhe que deveria falar a todos presentes que aquele evento não deveria prosseguir. Naquele momento conseguiram a permissão. A partir do quinto evento os jovens começaram a ligar a atividade à filantropia. As campanhas envolvem desde a arrecadação de alimentos, livros e roupas, até o sorteio de brindes, cedidos por comerciantes que acreditam no projeto.



autonomia total do indivíduo é um dos ideais.

M.E.R.D.A. e mais M.E.R.D.A. em andamento

"Nós fizemos frustradas reuniões com a prefeitura. Nunca deu nada certo", diz Chuck sobre o início da organização. Certa vez o grupo invadiu a Câmara. Cerca de 15 pessoas, usando máscaras. Não obtiveram resultados. Decidiram realizar o encontro sem apoio. "Vamos seguir a risca o faça você mesmo". Então usaram a luz de um parque, que ficava na praça, instalaram a aparelhagem e começaram a tocar. "Foi um dos maiores que ocorreu. O primeiro. Mais de mil pessoas participaram. Foi em 19 de agosto de 2001". No segundo even-

to, a secretária de cultura interferiu, mandou fiscais recolherem a aparelhagem, alegando que continuavam sem permissão. Chuck disse-lhe que deveria falar a todos presentes que aquele evento não deveria prosseguir. Naquele momento conseguiram a permissão. A partir do quinto evento os jovens começaram a ligar a atividade à filantropia. As campanhas envolvem desde a arrecadação de alimentos, livros e roupas, até o sorteio de brindes, cedidos por comerciantes que acreditam no projeto.

to, a secretária de cultura interferiu, mandou fiscais recolherem a aparelhagem, alegando que continuavam sem permissão. Chuck disse-lhe que deveria falar a todos presentes que aquele evento não deveria prosseguir. Naquele momento conseguiram a permissão. A partir do quinto evento os jovens começaram a ligar a atividade à filantropia. As campanhas envolvem desde a arrecadação de alimentos, livros e roupas, até o sorteio de brindes, cedidos por comerciantes que acreditam no projeto.

Quando aconteceu o 8º Ensaio de Rua foi aberta uma assessoria de juventude na prefeitura, unicamente para o movimento, já que era o único na época. Ali os jovens tinham toda a estrutura necessária para fazer os Ensaio. Porém, o governo começou a exigir que seu *slogan* e o do Conselho de Juventude aparecessem nos eventos. Chuck era quem trabalhava na assessoria e diz não ter permitido. Segundo ele "não importava se gradeassem minha sala e colocassem um cartaz dizendo Chuck não entra aqui". Ele não insistiria. O Movimento continuaria sem apoio político. Afinal, começaram por suas próprias mãos e podiam continuar sozinhos.

Autogestão é o ideal do Movimento Ensaio de Rua de Alvorada. Nisso acreditam seus criadores e é assim que segue há sete anos. A não necessidade de um apoio do governo, de um partido, porque o povo é capaz de fazer por si mesmo. O movimento acredita que pode fazer algo por Alvorada, já que a mídia, quando noticia a cidade, é apenas para tratar de assassinatos e brigas entre traficantes. Apresentando suas concepções o M.E.R.D.A representou Alvorada no quesito autogestão no 3º Fórum Social de Educação, na PUC, que reuniu vários países da América Latina.

O último encontro foi em 2006. Um novo problema foi o suficiente para dois anos sem manifestações M.E.R.D.A. Faltavam poucos dias para o Natal e a aparelhagem para o ensaio estava alugada pela organização. As bandas fazendo seu som. Até a chegada do pessoal da prefeitura que mandou o controlador dos equipamentos desligar os microfones. Começa a confusão.

O controle e as proibições da prefeitura se devem, segundo o Movimento, ao *underground*. O *underground* não ganha espaço, por isso mesmo é *underground*. A bebida é motivo de repreensões: "A galera bebe direto. Mas em qualquer show que tu fizes em lugar aberto vai ter gente bebendo. Tu não controla o público. Não tem como querer privar". Como explica, não é essa a ideia do negócio, é para todos curtirem. E o nome do movimento está aí por isso. É pra contestar, fugir dos padrões.

Jacqueline Pasini
jacqpasini@hotmail.com
Caroline Borges
caroline-lb@hotmail.com

“Se a senhora soubesse...”

As histórias e relatos de pessoas muito explicadas e pouco compreendidas

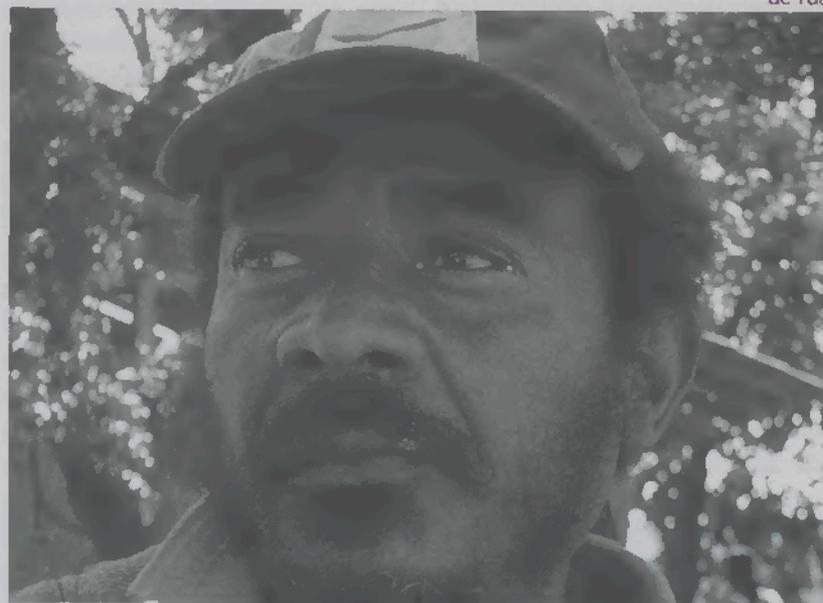
“Bah, dona, a senhora sabe aqueles cachorros sarnento que a senhora vê de vez em quando na rua, que a senhora sente até um nojo. É isso pra mim. Mais ou menos isso pra pior. Humilhação, frio, fome, sem poder tomar um banho. O pessoal olha pra senhora pior que um saco de lixo às vezes.”

Manoel de Mello, 43 anos, estava ao lado do Hospital de Pronto-Socorro de Porto Alegre (HPS) perto do meio-dia de uma terça-feira ensolarada. De longe se podia sentir o cheiro de álcool. Para ele a bebida tem três finalidades: “tira a vergonha na cara, esquenta no frio e mata a fome”. Quando indagado sobre sua vida pregressa, uma das primeiras reações de Manoel foi retirar de dentro da cueca – o lugar mais seguro a se guardar – a prova de que algum dia fora “alguém na vida”. Mostrou a carteira de identidade, a carteira de trabalho: ambas com fotos que contrastavam com seu atual estado. “Tenho meus documentos aqui no meu bolso, todos. Não tenho um só, tenho todos meus documentos”. Manoel é natural de General Câmara, estudou até a quinta série e disse não ter antecedentes criminais. Em uma família de doze filhos, não concluiu o primeiro grau para, desde os oito anos, ajudar no sustento da casa. Antes de ir parar na rua, trabalhava como safrista na colheita de soja em Panambi. Morava em Cruz Alta com a mulher e os dois filhos. “Até um ano antes, tava bem, tinha casa, tinha tudo. Agora não tenho mais nada.” Disse ter largado tudo por ter sido traído pela mulher. Preferiu sair de casa a fazer alguma bobagem: “Que que tu faria na minha situação? Sai mais um pouco de vergonha também, antes que eu ia preso”. Ao chegar na rodoviária de Porto Alegre, dormiu. Quando acordou, percebeu que lhe haviam levado a mochila com roupas limpas e calçados.

Manoel carregava consigo um cartão telefônico usado, o qual fez questão de mostrar. Disse ter ligado para os filhos naquele dia pela manhã. “Só deram ‘oi, tudo bem?’, aí perguntou onde é que eu tava, e



Paulo (acima): “O medo, ele é inimigo da perfeição”



Heron (abaixo): leitor de diversos jornais e morador de rua

eu digo ‘ah, tô bem perto’. Só que eles não sabem que eu tô em Porto Alegre... aí acabou o cartão.” Ao ser perguntado sobre se já pedira ajuda à família – pai, mãe, irmãos –, argumentou: “Os meus irmãos têm a vida deles (...) Eu não vou misturar a minha vida aqui pra estragar a deles também. Não foi eles que fizeram nada pra mim.”

Acompanhando de Manoel estava Paulo Isidoro Farias. Aos 28 anos, já foi pedreiro e motorista. Hoje vive do dinheiro que consegue catando lixo na rua. Assim como Manoel, disse ter saído de casa após uma traição da esposa: “Minha mulher me trocou por uma machorra”. A partir de então, saiu de Cruz Alta e veio para Porto Alegre. Na cidade natal deixou uma filha de 16 anos com a qual, ao contrário da ex-esposa, disse nunca ter brigado. Paulo relatou que viajara mais de cento

e poucos quilômetros a pé, porém nunca pensou em pedir ajuda para a família que, com a morte da mãe,

de repente foi por causa disso”. Depois de diversas fugas, foi parar na Febem (atual Fase), onde estudou um pouco, fez um curso e seguiu a vida. Segundo ele, após a morte de seu pai, a mãe e a irmã fugiram para o Rio de Janeiro com o dinheiro do inventário: “Ficaram com tudo que meu pai deixou pra nós”.

Heron foi morar na rua – onde está há quase cinco anos – após ter se separado da mulher com a qual ficou casado por 15 anos. “Ela bebia, tomava um garrafão de vinho por dia. Aí briguemo, briguemo, até que se separemo, vendemo a casa e dei a metade do dinheiro pra ela”. Medeiros também já havia se envolvido com drogas: “Eu morava na favela, tinha tudo perto, as amizades também. Comecei fumando baseado com os amigos, já passei pra cocaína, aí depois mais a cachaça junto. Só não fui na pedra ainda, mas o resto tudo de droga já experimentei.” No entanto, a única droga que Heron afirmou usar hoje “é a cachaça de vez em quando, pra distrair, pra desbaratinar”. Ele relatou que tem uma passagem na polícia por furto – junto com um grupo, entrou em um restaurante do Centro, mas como era primário, ficou só dois dias – e que aos poucos foi “relaxando, relaxando, até que vim parar nessa situação assim”.

Heron é um homem solitário. Prefere andar sozinho pelas ruas para não arranjar confusão pois, segundo ele, os moradores de rua bebem a ponto de se desentenderem. “Quanto à polícia, todas as vezes que chegaram em mim, falaram comigo numa boa, nunca me agrediram, mas já vi outros sendo agredidos pela polícia”. Conforme Heron, quando se tem 45 anos não tem serviço para mais ninguém. Restou-lhe, portanto, a alternativa da reciclagem: “É o que dá pra se defender... pelo menos dá pra tirar

pros vícios. Cigarro, tomar uma cachaça de vez em quando, porque comida eles dão aí". Se ele pudesse voltar no tempo? Voltaria a estudar – responde sem pensar duas vezes. "Eu gosto de estudar, tô sempre lendo. Eu leio a Zero Hora, que é um pouco falcatrua mas tem um pouco mais de conteúdo. Eu gosto de ler aquele David Coimbra, Paulo Sant'Ana. O Kleidir tá escrevendo na Zero Hora agora. Eu gosto também daquele cara

do Correio do Povo, o Juremir, aquele.

Aquele cara é muito bom".
Frente à leva de matérias que o jornal de maior tiragem do Estado vem realizando sobre moradores de rua, Heron demonstrou não se reconhecer dentre os retratados como provocadores de 'constrangimento': "Realmente ocorre aquilo ali. Os caras constri-

gem mesmo. Não peço nem gosto de pe- dir... Eu prefiro juntar uma latinha. A rua é livre, cada um mora onde quer". Heron entende que o "constrangimento" a que o jornal se refere se dá somente quando a pessoa é abordada. Ele não pede esmola, portanto, acha que não é responsável pelo "constrangimento" dos jornalistas e leitores de Zero Hora.

Sentado na calçada, oferecendo santinhos na Rua Santa Teresinha, Rubens Conceição Costa, 36 anos, sorrindo disse ter sofrido um acidente de carro e ter um tumor no cérebro – "uma bola de sangue parada" – há 20 anos, o qual, segundo o médico, não tem perigo. Natural de Umuarama, no Paraná, veio para Porto Alegre há dois meses após uma discussão com a irmã, que se queixava por ele não trabalhar. "Eu não tinha como ajudar ela", disse ele apontando para a perna aleijada. Morando em casas abandonadas, seu maior sonho hoje é juntar "uns R\$ 300" e voltar para ajudar a irmã, pessoa que considera sua mãe, e ter o seu cantinho, "um lugar para descansar, um dinheirinho e uma comida". Segundo Rubens, "se eu te disser que passo fome na rua, tô te mentindo. Ninguém passa fome na

rua. A não ser aqueles que jogam lixo no chão, ganham comida e jogam na porta, mas eu não passo fome graças a Deus. Deus nunca me deixou passar fome, eu agradeço todos os alimentos que ele me dá e todas as coisas ruins eu peço pra ele me tirar".

Em um sábado à noite, Cláudio Lira, 36 anos, estava parado em frente a uma casa de muro vermelho na Rua Castro Alves. Parecia estar à espera de algo – era comida. Alguns minutos depois, saiu um membro da Toca de Assis oferecendo-lhe um copo de plástico recheado com carne, polenta e arroz. Cláudio comeu com gosto. Desempregado e sem filhos, está na rua desde 2004: "Albergue é muito ruim. Não tem vaga, tem muita briga, não tem condições. Muita cachaça, maconha, pedra. Tudo não tem segurança nenhuma. É melhor a rua, não se incomoda", justifica. Desde então, vive de catar latinhas e cuidar carros. Cláudio tem o primeiro grau completo. Mesmo falando de forma articulada e com uma boa aparência, revelou que não é fácil conseguir um emprego: "É difícil na rua conseguir uma entrada pra tomar um banho. A gente tem que ter um lugar pra parar, se estabilizar e procurar serviço. A gente tem pouca chance nessa vida, as oportunidades são muito raras". Ele tentou conversar com o membro da Toca de Assis. Perguntou se havia vagas e relatou que um amigo dele conseguiu entrar, mas saiu logo depois, por não ter se ajustado a regras, como não beber nem usar drogas. O moço de bata marrom se mostrou reticente e o aconselhou a falar com o guardião logo às 7h da manhã do dia seguinte. Cláudio não apareceu.

Desde 2007, as pontes do Arroio Dilúvio – ponto de abrigo aos moradores de rua – vêm sendo fechadas com pedras nas margens, formando paredões que impedem que pessoas durmam no local. O primeiro fechamento, em janeiro de 2007, foi feito a pedido da Associação dos Amigos e Moradores do Bairro Menino Deus e de moradores de outros bairros, conforme a Secretaria Municipal de Obras e Viação da capital (Smov). À época, o coordenador do Núcleo de Políticas Sociais da prefeitura de Porto Alegre, Léo Voigt, declarou ao jornal Zero Hora que, "há um percentual da população que não se adapta ao



Manoel: "Tenho meus documentos aqui no meu bolso, todos. Não tenho um só, tenho todos"

convívio social". Para ele, o fechamento das pontes "representa uma proteção, porque evita que a população de rua ocupe um lugar inadequado e aumenta a eficácia dos programas públicos". E acrescentou: "Não acredito que a medida vá alterar os indicadores de violência, mas aumentar a sensação de segurança, já que algumas vezes esses moradores abordam a população de forma inadequada".

A sorte de Tiago, encontrado na Rua Laurindo por volta das 23h30 de um dia da semana, é que a parte da ponte próxima ao Instituto Espírita Dias da Cruz, localizado na Avenida Azenha, não foi fechada. É lá que ele mora há um ano. Mesmo perto de um albergue, o rapaz negro, de cabelo raspado e com uma cicatriz na altura do olho prefere dormir ao relento. As razões são várias: "Eles tratam a gente mal, humilham a gente, porque a gente precisa. Além disso, os voluntários da rua, que trabalham lá, pegam as coisas da gente". Ele contou que foi casado por seis anos, tem quatro filhos, mas o momento de sua queda foi quando descobriu a traição da esposa – o então promotor de vendas de uma conhecida rede de lojas passou a morador de rua. O crack tem sido sua companhia desde então. "O crack tu não tem noção do que é, é uma coisa que o diabo inventou, vicia, muito. Tem crianças de até seis anos usando crack. (...) Ir para a rua não é uma escolha. Muitos acabam na rua por causa de drogas. Tem caras que são expulsos de onde moram, outros ficam com dívidas na boca de fumo e tem que sair de casa para não serem mortos. Largam família e vão pra rua. Cinco reais uma pedra não é difícil de conseguir. As bocas têm em tudo que é lugar. Me atirei até por relaxamento. Quem se atira nas drogas por causa de

mulher? Eu tinha que ter saído por cima pra ela não me ver assim".

A história de Tiago é muito parecida com a dos outros entrevistados exceto por um detalhe – a base familiar: "Meus pais são show de bola. Até evito pedir dinheiro em sinaleira com medo de que algum dia eles passem de carro e me vejam. Tenho família, mas não quero dar esse desgosto pra eles", disse. O rapaz parecia ter vontade de voltar a dar orgulho à família. Ao menos ele tinha um plano, o qual contou animadamente: "Semana que vem vou para a clínica para me reabilitar. Vou começar de novo, se Deus quiser. Na clínica tu fica preso, é isso que eu quero: sair com a cabeça boa para arranjar um emprego e me levantar. Tem até um curso lá!". A vaga na clínica de reabilitação, conforme Tiago, foi resultado da ajuda de Andréia, a 'Déia' a quem ele tanto se referiu, a qual também o auxiliou a tirar os documentos que não mais possuía. Além de Déia, um professor de inglês o apóia às vezes. No entanto, "a maior parte das pessoas reage com medo, protegem as bolsas ou fazem algo parecido. Teve uma vez uma senhora que no começo tava com medo, mas depois foi falando comigo e percebeu que eu era "do bem". Antes e l a que- ria



me
da r
de z
pila, mas
por medo, de-
pois ela me deu,
mas sem medo.” Tiago
não quis revelar seu sobrenome
nem ser fotografado para não ser
localizado pela família na situação
em que foi entrevistado.

O medo

Vive-se hoje no espaço urbano uma espécie de volta ao período medieval. A cidade e a sociedade progressivamente se feudalizam: são construídos pequenos burgos que, herméticos, estabelecem normas internas que vão contra o direito de ir-e-vir do cidadão tanto em favelas em estado de exceção quanto em condomínios fechados. Esta é uma era de medo, de cercas elétricas, muros altos, de passo apressado, de câmeras filmadoras, coletes à prova de bala, carros blindados, vidros fumê e empresas de segurança privada. Diariamente,

os telejornais bombardeiam notícias sobre violência – se não existe mais segurança nem mesmo dentro do lar, quem dirá nas ruas. Nestas se encontra o principal problema: o desconhecido que inspira medo, ainda mais se ele estiver maltrapilho e sujo.

O segurança de uma Associação de Moradores de uma rua do bairro Santana, que pediu para não ser identificado por receio de retaliação por parte da empresa em que trabalha há oito anos, descreveu a forma que lida com os moradores de rua: “A gente tenta fazer da melhor forma possível, porque a associação dos moradores não quer que eles fiquem aí. É como se fosse um estorvo. ‘Tá me estorvando, vai pra lá!’ A verdade é essa, fazem cara de nojo, ‘vai mais pra lá’. É um medo até natural, faz parte. O cara vem todo sujo, claro que a pessoa vai se assustar. É uma vida muito triste, feliz aquele que tem uma cama limpa pra dormir.” Para Renato Fuhr, 21 anos, estudante de Segurança do Trabalho da Escola Técnica da UFRGS, ao ver um morador de rua do seu lado “a pessoa fica meio atônita, não tem muito como reagir. É um problema social que já vem há bastante tempo e vai ser bem complicado de acabar. A gente sempre fica meio receoso, não adianta dizer que o pessoal não fica preocupado porque não sabe como ele vai reagir, pode estar bêbado drogado,



Cláudio: “Albergue é muito ruim. Não tem vaga, tem muita briga, não tem condições”

ter uma reação agressiva. Então é uma caixinha de surpresas.”

Já Hamilton Dias Ângelo, 26 anos, publicitário, relatou não ter reação nenhuma ao ver um morador de rua: “No máximo sinto pena, mas eu tenho um pensamento diferente: eu acho que ele não fez por merecer algumas chances que pode ter tido na vida anteriormente e chegar ao estado que ele tá atualmente.” Ao invés de medo, declarou ter receio, principalmente quando estão em grupo. Apesar de enfatizar a necessidade de políticas públicas, disse não ver da parte dos próprios moradores de rua “uma pró-atividade de seguir algumas

regras, de bons lares que têm, que cumprem horários, que tem que tomar banho.” Ele culpa tanto aos moradores de rua quanto à sociedade, “por não gerar mais chances. (...) Para sair da rua basta querer, a gente vê exemplos em diversos lugares do país de moradores de rua que saem de tal condição, só que tem que partir deles. Entretanto muitos preferem se drogar ou beber.”

“Eu fico com pena deles, e um pouco de nojo quando eles tão comendo numa lata de lixo por toda essa situação, não deles propriamente dito, mais pela situação que envolve isso. Obviamente que dá um pouco de medo”, afirmou Mariane Soares, 32 anos, assessora de imprensa. Sobre as possíveis soluções ao problema, ela observou que “não vem sendo feito nada. Até porque esses cara acho que nem identidade têm, quem não tem identidade não vota, não serve pra nada pra quem faz as leis, pra quem governa estados e esse país”.

“Se a senhora soubesse mesmo da realidade da rua, dona, se alguém contasse pra senhora direitinho, se a senhora dormisse uma noite perto, só perto de uma pessoa que tá na situação que nós temo, aí no outro dia a senhora não ia nem querer comer o meio-dia na mesa sentada, de nojo” – Manoel de Mello.

Em certos casos, abstração e experiência são irremediavelmente incompatíveis.

O maior sonho de Rubens é juntar “uns 300 reais” e voltar para Umuarama (PR) para ajudar a irmã.



Perfil: Lauro Hagemann

Maria Lina Colnaghi
linacolnaghi@gmail.com
Tássia Kastner
tc_kastner@yahoo.com.br

“Eu vendia o meu trabalho,
não vendia a minha cabeça”

Ainda de pijama, Lauro Hagemann nos recebe em sua casa, às 10h da manhã de uma sexta-feira. Desculpa-se pelos trajes inadequados, e lamenta “eu queria me afeitar, mas não deu tempo, pensei que a entrevista era às 11h”. O senhor de 78 anos, sentado a nossa frente, passaria as próximas duas horas contando histórias da política e do jornalismo gaúcho. As histórias de sua vida.

Lauro é natural de Santa Cruz do Sul, “um país muito amigo do Brasil”, brinca, e veio para Porto Alegre estudar. Foi aluno do colégio Júlio de Castilhos (o Julinho) – onde travou o primeiro contato com o movimento estudantil – e se formou na segunda turma do curso de Jornalismo na, então, URGs (Universidade do Rio Grande do Sul). “O meu paraninfo foi o Alexandre Martins da Rosa, por aí vocês podem ver o quanto antigo eu sou. O Alexandre Martins da Rosa foi o primeiro reitor da Universidade do Rio Grande do Sul. Vocês não são desse tempo, mas eu peguei a greve universitária que criou a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)” Foi, também, radialista e participou de episódios importantes da história do Rio Grande do Sul: transmitiu dos porões do Palácio Piratini os boletins da Cadeia da Legalidade (episódio ocorrido em 1961, que tentava garantir a posse do presidente João Goulart).

“Eu tenho três vertentes políticas: a partidária – o comunismo eu adotei depois de muito tempo, demorei até descobrir o que eu era – mais a estudantil e a sindical”. Lauro foi militante do Partido Comunista

do Brasil (PCB), conhecido pelos integrantes como Partidão, desde os tempos do Julinho. Também foi um dos fundadores do Sindicato dos Radialistas do Rio Grande do Sul.

Dividido entre a política e o jornalismo, Lauro era, ao mesmo tempo, o dono da conhecida voz do Repórter Esso e frequentador das reuniões clandestinas do Partidão. “Não tinha nada que ver uma coisa com outra. Eu vendia meu peixe assim como me davam. Agora, a minha crença política era outra. Dessa eu não abria mão, não abro até hoje”. A crença política de Lauro é o Comunismo: “o Comunismo defende uma nova sociedade. Isso é o que nós estamos procurando todos os dias. Uma sociedade fraterna, aberta, de preferência sem classes, mas isso é uma utopia. Então nós lutamos por isso. Os comunistas sempre lutaram pela transformação da sociedade”.

Com 78 anos, Lauro permanece na política filiado ao PSB, apesar do cenário atual: “Ninguém está procurando transformar a sociedade, está procurando usar a sociedade para o seu uso. Para satisfazer as suas crenças e não pra mudar esse sentimento, no sentido de torná-lo coletivo. O coletivismo hoje está saindo fora do vocabulário, há muito individualismo, muito egocentrismo. Todo mundo só procura o seu”.

O radialista iniciou-se na política em 1963, quando ficou de suplente para vereador de Porto Alegre pela ARS (Aliança Republicano-Socialista), uma junção do Partido Republicano com o Partido Socialista, e tomou posse em 1964. “Eu assumi pela primeira vez

TÁSSIA KASTNER



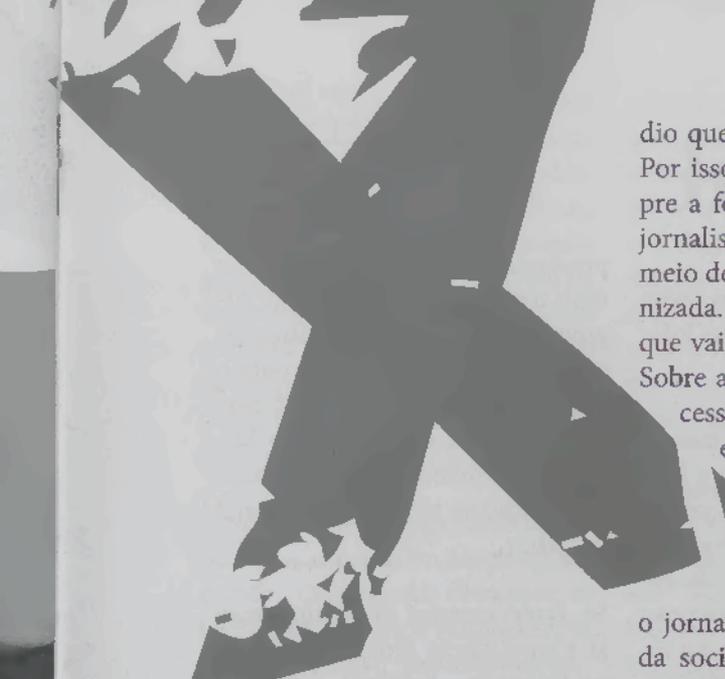
Lauro, aos 78 anos, ainda participa da política, filiado ao PSB. “A política é a ciência da convivência humana”, diz.

a Câmara Municipal levado até a porta da prefeitura por uma figura: Germano Bonow (pai do atual deputado federal). Eu fui despedido na porta da prefeitura com a seguinte recomendação do Germano: ‘Tu vai lá em cima, assume a tua cadeira, desanca o pau na milicada e vai pra casa esperar a tua cassação’. Essas foram as palavras de alento que eu recebi do velho Germano Bonow, que era o presidente do Partido Socialista”. Dois anos mais tarde, elegeu-se deputado estadual no recém criado MDB. Em 1969, foi cassado com base no AI-5. Com a anistia, volta ao cenário político sendo eleito, em 1982, vereador de Porto Alegre, pelo PMDB. Com a legalização do PCB, em 1985, Lauro protagonizou a primeira bancada comunista do Legislativo porto-alegrense.

Pode-se atribuir ao Julinho a formação de duas das três vertentes políticas de Lauro: a comunista e a mobilização estudantil. Foi a saída de sua cidade natal que proporcionou a Lauro um contato com a vida política: “Aqui eu entrei pro Julinho, e era um fervedouro. Eu nunca tinha visto nada parecido com aquilo. Eu um dia cheguei no colégio e tinha uma assembléia dos estudantes na escadaria do colégio. E

o Nei Moura, que era o presidente do grêmio, sacudindo o dedo na cara do diretor do colégio, reivindicando não sei o quê. Eu me apavorei, eu nunca tinha visto aquilo, não sabia que pudesse existir. Então eu comecei a ter contato com uma visão diferente da vida. Uma visão coletivista, coisa que hoje não existe mais”.

Lauro conta que em Santa Cruz do Sul, além de não existir um movimento estudantil como o do Julinho, ele cresceu em uma casa sem livros, “isso é o maior crime que se pode fazer contra uma criança”, diz. Com humor, ele conta por que situações a sua falta de informação já o fez passar: “Nos meus tempos de inconsciência cívica a minha mãe me fantasiava de integralista. É bom até nem falar muito alto. Eu participei de uma manifestação pública como Pliniano. Ela me fantasiou de galinha verde. Me botou uma camisa verde com um sigma no braço, que era o símbolo



bolo do integralismo. Então, nesse ambiente multifuso eu cresci. E quando cheguei aqui (Porto Alegre) me dei conta de que havia outras coisas no mundo, que não era só aquele umbigo lá. Fui lendo, lendo os socialistas utópicos, aquela coisa toda, junto com a influência dos companheiros do colégio. Era uma comunada danada aquilo lá, o Júlio sempre foi”.

As Preocupações de Lauro

Ao longo da conversa, o radialista fala sobre o jornalismo. Fala como alguém que fundou o Sindicato dos Radialistas, e critica: “A imprensa acompanhou a evolução, ou a involução. Ela acompanhou a involução do ser humano. Evolução no sentido tecnológico, porque hoje nós temos meios a nossa disposição que nós não tínhamos antes. Sou do tempo do telégrafo, imagine. Isso no tempo em que se caçava cachorro com lingüiça. Essas coisas foram se aprimorando. Hoje tu apertas um botão e tu falas com qualquer parte do mundo. Agora, a questão do substrato disso, o avanço da concepção de imprensa como difusor do conhecimento, isso foi sofrendo um processo de estancamento, continua até hoje e o homem vai custar a se livrar disso, mas nós precisamos fazer alguma coisa”.

Lauro acredita que os jornalistas têm um papel fundamental na reversão deste quadro: “Nisso reside a importância dos cursos de jornalismo e da profissão de jornalista. Porque nós somos os genéricos, os generalistas – melhor que genéricos. Nós entendemos de tudo e não entendemos de nada. Mas é por nosso intermê-

dio que essa coisa vai ficar livre. Por isso que eu preconizei sempre a formação de entidades de jornalistas, os sindicatos, como meio de manter a categoria organizada. Porque só esse processo é que vai salvar a nossa memória”. Sobre a discussão do fim da necessidade do diploma para exercer a profissão Lauro é categórico: “Isso é uma besteira. Quanto mais se aperfeiçoar, melhor o jornalista. E isso é uma tarefa da sociedade: dar condições de aperfeiçoamento do exercício profissional”.

Ao defender os cursos de jornalismo, no entanto, Lauro diz que muitos precisam passar por modificações, dando atenção especial à base de toda a comunicação, a nossa língua: “O instrumento da comunicação não é cultivado. Nenhum jornalista vai se comunicar com o mundo se não for através do pensamento, da palavra escrita, falada, televisada, seja lá de que jeito for. E isso nós estamos esquecendo. Nós estamos grunhindo ao invés de falar. Porque a magrinagem não fala, grunhe. Isso é um retrocesso, porque ninguém fala mais. E falar escandidamente, pior ainda. Esses dias eu pronunciei esse palavrão e ninguém sabia o que era. Eu tive que explicar que o que é escandido, é separado sílaba por sílaba, para juntar tudo em uma palavra. O cara sai aos gritos, aos berros. Ninguém entende nada, nem ele. Porque o cara não sabe o que está dizendo. O pensamento precisa se transformar em comunicação. A linguagem é um negócio muito sério, e não está se dando importância. Nós estamos correndo o risco de virarmos todos uns analfabetos, porque os cursos não preparam, nem o colégio secundário prepara”.

Quando o assunto é política, Lauro Hagemann lamenta ao dizer que “a política ficou muito egocêntrica, muito voltada pra dentro. Cada um está procurando o seu lado. E, procurando o seu lado, esquecem o lado de todos. Politicamente o homem involuiu”. Ele fala com pesar, pois, como diz: “A política é a ciência da convivência humana. O casamento é um ato político. Porque, como duas criaturas que nunca se conheceram vão viver juntas, vão conciliar os seus interesses? Isso

é um ato político. Pura política. Não tem como sair dessa. Agora, que uso o homem está fazendo disso e vai fazer daqui pra frente é outra história. Nós estamos muito atrasados mentalmente. Por isso é que nós vamos ter que nos colocar a par da evolução, nós vamos ter que evoluir muito ainda”.

Na política, Lauro participou de episódios como a Cadeia da Legalidade. No entanto, pouco participou da ação política em si: “Eu participei da Legalidade numa posição muito ingrata. Eu fiquei no porão do Palácio (Piratini). Lá que era o estúdio, e ali me prenderam pra ler as coisas. Fiquei vários dias ali, trancado. Tanto é que a passagem do Jango por aqui, aquela história toda que houve lá em cima no Palácio, eu não vi nada. Eu só ouvi pelo rádio. Eu estava lá embaixo no porão e lá em cima as coisas acontecendo. Eu só saía do Palácio pra ir pra casa. E olha lá”.

A mesma crítica feita à política ele faz à atual condição do movimento sindical: “Perdeu muito de consistência. Porque o sindicato, o sindicalismo, ele perdeu um pouco do rumo, e no nosso caso, por um defeito gravíssimo. Até hoje o movimento sindical brasileiro não tem um norte, não tem um programa, não tem uma bandeira. Tem outros movimentos sindicais que são organizados. Eu cito como exemplo a Central Obrera Boliviana, a COB. Ela tem um programa definido: é a defesa do cobre boliviano, e não abre mão disso. Eles admitiram uma defesa política do Estado, ou de parte do Estado do qual eles são componentes. O movimento sindical brasileiro não teve isso”. Quando perguntamos se nem a experiência do Sindicato dos Metalúrgicos no ABC Paulista teve essa organização Lauro responde: “Tinha. Mas aí uma coisa que não tinha nada a ver com a nossa. O movimento sindical brasileiro, o núcleo paulista, defendeu a indústria automobilística. Uma coisa que produziu um resultado tenebroso. O nosso transporte que era fluvial, que era ferroviário, se transformou em um transporte rodoviário. E isso foi a desgraça



d e s -
se país. Em nome da mobilidade automobilística, da queima do petróleo isso obedeceu a instintos econômicos”.

Durante as horas em que estive em sua companhia Lauro Hagemann não só nos falou sobre os feitos de sua vida política e como radialista como também nos confidenciou: “Olha, a velhice é uma droga”. Ele conta que “a lataria está boa, o motor é que de vez em quando dá um susto”. Mas do que ele mais reclama é de uma das limitações que a saúde lhe impôs: “Com isso aí me tiraram o trago. Essa é a péssima notícia do dia. Não pode tomar nada. Eu não era um bebum, mas mantinha o nível, para não perder o jeito. Pois é, gurizada, agora estou reduzido a isso. É pena, mas enquanto a cabeça estiver funcionando, vai indo. Quando não juntar mais as palavras aí é que a coisa fica feia”.

Apesar de ter respostas para tantas perguntas ele parece não ter a solução para uma rápida questão: “Quem é você?”. Ele nos diz assim: “Olha, isso é um bicho difícil de saber. Até hoje eu estou procurando também e não acho. É um cidadão comum, nada de especial. Apenas com ânsias diferentes. Mas, isso é da vida. Aspirações, ânsias, desejos”.

* Paulo Azevedo também participou da entrevista

O verdadeiro cinema marginal

Lucas Rizzatti
lucasrizzatti@hotmail.com
Paulo Azevedo
paulinhoazevedo@gmail.com

Com dificuldades de freqüentar as salas de exibição convencionais, comunidades reinventam maneiras para poder assistir a filmes na grande tela

Gerson, mais conhecido como Fuscão, tem cara de mau. Um negro alto, de feições que pareciam ter sido talhadas a facão. Quando surgiu na minúscula sala da casa onde mora com mais cinco pessoas, olhou direito para a visita, o João, que sorvia um chimarrão sentado em uma cadeira

var aos jovens do morro a cultura, a arte, a música, como o hip-hop e o pagode. E, a partir desses elementos, tentar inserir o jovem da periferia em atividades sociais, como conjuntos musicais e oficinas de grafite. A idéia é formar adultos com inclinações para determinadas áreas, tentar dar um caminho à juventude.

Desde 2007, o projeto sofre com dificuldades. A parceria com o instituto Leonardo Murialdo e a entidade alemã Kinder Not Hilfe, de apoio à criança, se encerrou no terceiro ano do projeto. A Kinder Not Hilfe contribuía com R\$

100 mil por mês. Já o Murialdo entrava com a espaço físico do colégio que pertence à instituição.

– Terminado o convênio, após três anos, meio que parou o projeto. Nesse meio tempo, não conseguimos autonomia financeira – conta João.

Quem mais sente falta são os moradores. O Fuscão, por exemplo, que ficou sem o seu cinema semanal. Virou tradição no Morro da Cruz a exibição de filmes a céu aberto nesse período do projeto. Mais do que trazer o hábito de assistir a filmes, as sessões transformavam a rotina da comunidade:

– Tem toda uma mobilização, quem vai fazer a pipoca, decorar a rua, escolher o filme... – enumera João.

As sessões de cinema prosseguiram com apoio da Caixa Econômica Federal. Mas, atualmente, é tudo com o Morro da Cruz para a Vida. Como se fosse uma caravana, João vai com seu projetor e DVDs emprestados em um lugar diferente a cada exibição, nem sempre semanal. A intenção é fazer as pessoas verem cinema, nem que seja projetando o filme numa parede com anúncio de padaria.

– Chegou já a ter 200 pessoas numa sessão, fechamos a rua – conta João, com uma ponta de orgulho.

As limitações com a recente falta de verba ainda não propiciaram a João e ao projeto Morro da Cruz para a Vida um salto maior; o da produção cinematográfica na comunidade. No entanto, já há quem consiga fazer essa ponte entre a idéia na cabeça e a câmera na mão em comunidades populares e em movimentos sociais.

Com seis integrantes (cinco jornalistas e um publicitário) trabalhando diretamente, fora colaboradores, a Coletivo Catarase é um exemplo disso. Eles trabalham há quatro anos com produção audiovisual. Para a Catarase, um filme pode ser muito mais do que simples diversão. A sétima arte se transforma em crítica social.

– Não montamos a cooperativa como uma alternativa ao mercado. Nunca nos interessamos em trabalhar com o jornalismo corporativo. Sempre pensamos em usar a comunicação como um instrumento de transformação social. As causas e as pessoas nos interessam – explica Jefferson Pinheiro, integrante do grupo.

A aproximação da Catarase com movimentos sociais seria então questão

produzir sem remuneração, não mais um trabalho contratado. Alguns vídeos que foram utilizados quando o MST denunciou para o Brasil e para o exterior essa perseguição aqui no Estado, do Ministério Público e da Segurança, em relação ao movimento – conta Jefferson.

Se fazer cinema no mainstream já é uma tarefa árdua e de retorno financeiro duvidoso, como um grupo de pessoas consegue manter uma produtora audiovisual independente, com temáticas pouco atraentes para um público massivo? A solução é escapar pela tangente, fazendo renda com outras atividades. A Catarase se sustenta com trabalhos gráficos, criação de sites, boletins informativos e assessoria de comunicação.

– Mas tem trabalhos que a gente não faz, coisas que a gente não executa. Nós temos um posicionamento bem claro: responsabilidade de expressão, comunicação para transformar. O que adianta a gente trabalhar para a Aracruz e perder a coerência? – contesta Gustavo Türck.

A vida no morro também costuma ser coerente, ou, pelo menos, ter a sua própria lógica. Desde que o projeto Morro da Cruz para a Vida diminuiu a sua atuação devido a



Os moradores do Morro da Cruz não tiram os olhos da projeção improvisada. As sessões de cinema estão escassas

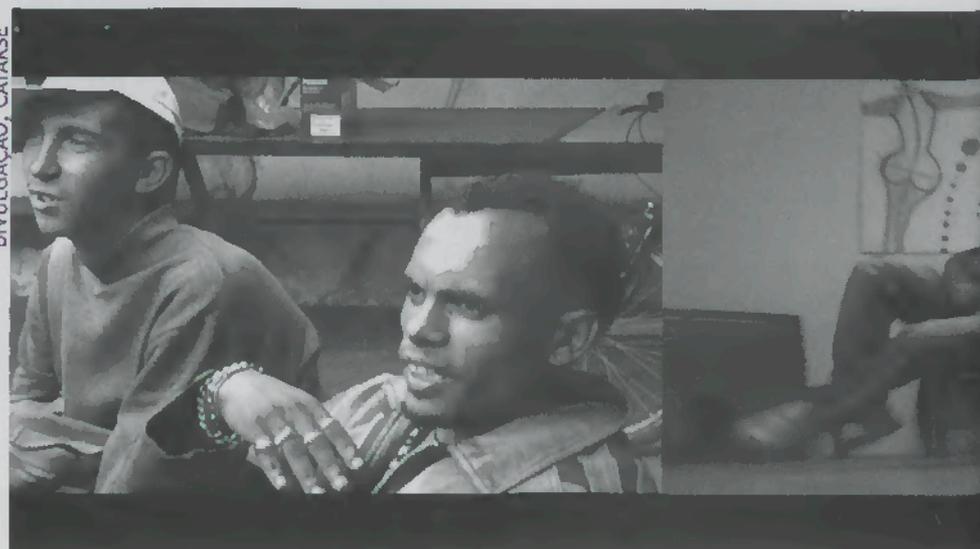
de praia. Foi só Fuscão abrir a boca para denunciar sua cumplicidade com seu interlocutor.

– Por que tu não faz mais as sessões de cinema por aqui? – perguntou Fuscão, em tom brando e amistoso, contrastando com a tal cara de mau. A indagação veio acompanhada de um sorriso de ambos. João, meio sem jeito, tentou responder: – Está meio difícil ultimamente, mas na próxima semana vamos fazer.

João Werlang não é cineasta nem produtor de cinema. Muito menos ator. Desde 2004, como coordenador, se transformou num dos protagonistas do Morro da Cruz para a Vida, projeto na comunidade popular na Zona Leste de Porto Alegre, com mais de 20 mil habitantes.

– A pedagogia do projeto é a pedagogia do cotidiano. Ir onde as pessoas estão. Antes, a gurizada ficava nas esquinas por aí – conta o pedagogo João, agora nem tão sem jeito como ficara na pergunta de Fuscão.

O Morro da Cruz para a Vida tem como objetivo le-



de tempo, algo natural. A cooperativa foi contratada para produzir quatro filmes com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Mas a afinidade não parou por aí e a Catarase seguiu com uma câmera passo-a-passo o movimento.

– Nós começamos a acompanhar alguns momentos de marcha, de mobilização aqui na cidade e

distúrbios financeiros, o comércio de drogas aumentou.

– Se deixar, eles (pessoas ligadas ao tráfico) vão ocupando espaço. Durante os três anos em que o projeto funcionava direto, não havia problemas. Mas, de meio ano para cá, o comércio de drogas voltou forte no morro – analisa o pedagogo João Werlang.

A sede da Associação Comunitária do Morro da Cruz é um exemplo de que as atividades sociais podem estar perdendo terreno. Inutilizada, teve seus vidros quebrados e paredes pichadas. A idéia da chapa que vai assumir a associação é de reativar o espaço em 2009, criando uma sala fixa de projeção de filmes, exatamente como manda o figurino: toda pintada de preto.

– Nós não temos uma referência física, o que é um problema muito grande. Tivemos que desocupar as instalações do colégio Murialdo após o fim da parceria – argumenta João.

A ausência de locais para exibição de filmes, no entanto, não é um problema somente do Morro da Cruz. No Brasil, pouco mais de 8% das cidades possuem sala de cinema, segundo dados da Fundação Cinema RS (Fundacine).

A Catarse, sim, tem sede própria em uma movimentada avenida da Capital. Mas o que importa para eles é o que está do outro lado da porta. A parceria com a Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice) e com o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (Gapa) rendeu vídeos com a participação de moradores de rua, do Jornal Boca de Rua, vinculado à Alice. Uma atuação integral, por trás e diante das câmeras.

– Para eles (moradores de rua), foi muito bom. Quando eles fazem o jornal, eles fazem tudo, de foto a texto. No vídeo, também foi assim, filmaram e apareceram na tela – conta

oficinas permitiram que a história de quem não costuma ser ouvido fosse contada, e pelo ponto de vista dos próprios protagonistas da vida real.

– É diferente da gente, de classe média, que vai pra casa e dorme tranquilo e está bem alimentado, que vai olhar a rua com um olhar de quem não vive a história, produzir alguma coisa – relata Jefferson.

– Passamos noção de roteiro, de produção. “Como é que vocês vão contar essa história? É só pegar a câmera e sair?” Eles montavam a cena, alguém escrevia. “Vai ter fala? Vai.” Eles mesmos filmaram e atuaram. Tinham que fazer a produção, ver o que precisava conseguir – lembra Gustavo, que não escondeu a tristeza ao lembrar de dois moradores de rua que morreram antes do término da edição. O impacto da morte deles foi enorme no grupo. Ali, segundo os integrantes da Catarse, foi possível perceber uma certa noção de família, de relação cúmplice entre os moradores de rua, mesmo não havendo uma convivência diária entre eles.

Caminhando pelas ruelas do Morro da Cruz, umas tão apertadas que só se podia passar um por vez, pode-se notar facilmente essa mesma idéia de família que o Boca de Rua adotou e que a Catarse detectou. Todos se conhecem. E mais: todos conhecem João Werlang. O seu Gilberto, que aparenta bem mais que os 49 anos que ele mesmo se atribui, cumprimentou João com entusiasmo. Com a mesma empolgação, contou a sua experiência com o cinema – Ah, quando eu era



A sede da Associação Comunitária do Morro da Cruz, inutilizada e depredada, é um exemplo de que as atividades sociais podem estar perdendo terreno na comunidade

As sessões de cinema que João traz para a comunidade são sempre dupla. Primeiro, um filme mais popular, de preferência norte-americano, um blockbuster, que é o que a maioria pede, confessa João. Outro quesito a ser preenchido pela trama: ser para a toda a família. Já o segundo filme, João faz questão que seja brasileiro, para valorizar a produção local. A predileção dos moradores do Morro da Cruz pelos filmes importados apenas acompanha a tendência das salas de cinema do país. A produção cinematográfica dos Estados Unidos ocupa mais da metade dos locais de exibição de filmes do Brasil. O filme mais visto no país, em 2007, segundo a revista francesa Cahiers du Cinema, foi a produção hollywoodiana *Homem-Aranha 3*.

Blockbuster ou educativo, americanizado ou totalmente nacional, o cinema atrai olhares e desperta sentimentos. Mas nem todos podem pagar ou se deslocar a uma sala de exibição. Saídas alternativas de mostra de filmes, como a do Morro da Cruz, são a solução de diversão para muitos.

– Aqui (no Morro da Cruz), é complicado. Não há muitos equipamentos de lazer nem muito incentivo para isso. O cinema itinerante vem preencher essa lacuna – conta João.

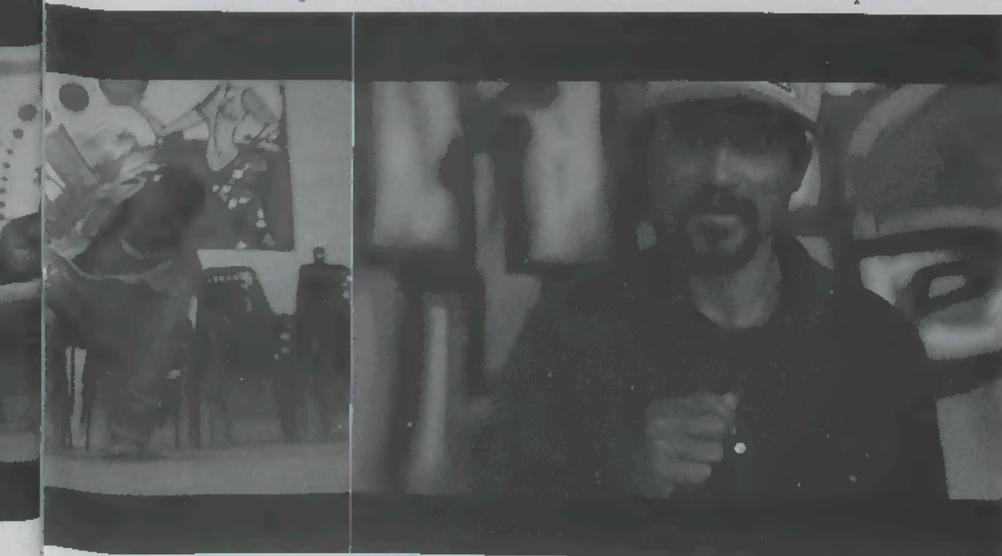
Segundo uma pesquisa da Federação Nacional das Empresas Exibidoras Cinematográficas (Fennec), o público de cinema é formado em 71% por jovens de 12 a 29 anos e 73% são das classes A e B. Cerca de 90% das cidades brasileiras não têm cinema. Há 2.120 salas no Brasil, concentradas em 719 pontos. O preço médio do ingresso no país foi de R\$ 8 em 2007, segundo dados do Sindicato das Empresas Distribuidoras Cinematográficas do Rio de Janeiro.

A dona Tânia Maria é um exemplo do quão inacessível pode ser o cinema hoje, para as camadas populares. Ela conta, com um bom humor meio nostálgico, que há 28 anos não frequenta cinemas. Nessa época, Porto Alegre ainda nem sonhava em ter *shoppings*. O passado é um tanto longínquo, mas Tânia se lembra como se fosse hoje o nome do longa-metragem e o local em que viu seu último filme no escurinho da grande tela. O *Vendedor de Linguíça*, lá no Cinema Castelo – recorda.

O Castelo foi inaugurado em 1939 e, como a maioria das salas de exibição de rua de Porto Alegre, fechou as portas, em 1980.

Os olhos de Tânia Maria brilharam em meio aos resquícios de um saudoso passado. A magia da tela grande pode propiciar isso para quem assiste a um filme. Ter a possibilidade de fazer um, dar o seu toque pessoal, parece ser ainda mais transformador. O cinema para os que têm pouco acesso a ele, seja como espectador, seja como atuante na produção, surge como um alento. É a arte ajudando as pessoas a levarem a vida real.

– As pessoas acabam obviamente também aprendendo algumas coisas de cinema. A oportunidade de eles estarem vendo, criando, pensando e produzindo as coisas também é muito bacana, é um ganho grande. E depois elas poderem apresentar para as pessoas a produção é melhor ainda. “O filme que eu fiz”. Isso para a auto-estima é fundamental – diz Jefferson.



Maria Margareth Rossal, a Marga, uma das coordenadoras da Alice.

Foram realizados três vídeos com o Boca de Rua, durante o mês de junho de 2008. Um só de depoimentos dos moradores de rua, outro de ficção e, por fim, um documentário da vida de quem não tem para onde ir quando escurece. Mais do que aprender a fazer um foco ou a dar um *close*, as

jovem, ia ao cinema de manhã, de tarde, não tinha hora.

Corno Fuscão, seu Gilberto se ressentia pelas sessões de cinema não serem mais semanais. Apesar de fazer um bom tempo que o projetor de João não passa pela casa de seu Gilberto, ele ainda lembra o último filme que viu, junto com a família – Era um muito bom, do Zorro.

Um olhar sobre a fé

A visita a uma mesquita em Porto Alegre traz reflexões sobre a presença dos islâmicos no Brasil

Meio dia de sexta-feira é momento de oração no Centro Islâmico de Porto Alegre na estreita e movimentada Rua Dr. Flores. Para os muçulmanos, este é um dia sagrado, que equivale à missa de domingo para católicos ou o sábado para judeus.

O local é uma ampla sala no décimo andar de um prédio comercial, no centro de Porto Alegre. Os irmãos chegam aos poucos, sentam no carpete azul com listras brancas, levam as mãos ao rosto, alguns ajoelham, outros oram de pé. Todos conversam e aos poucos silenciam quando o Muazin se dirige à Meca e começa o Azan, um chamamento musical com frases em árabe para dar início à oração.

Chegamos à mesquita, ou Masjíd, por volta das 11h30min da manhã à procura de Mahmoud. Três homens sentados ao fundo da sala liam o Alcorão. Um deles, com a longa barba e uma bela takir verde sobre a cabeça, se apresenta e pede a aproximação.

– Tirem os calçados e entrem aqui.

Apesar de não ter feito o chamamento neste dia, Mahmoud é o Muazin da mesquita.

Dois pares de tênis imundos ficam ao lado da porta. Higiene, naquele momento, não parecia tão importante para nós ocidentais quanto para os muçulmanos em uma mesquita antes da oração.

O objetivo era entrar em contato com estrangeiros e refugiados de guerras que vivem em Porto Alegre e encontram na mesquita uma forma de manter a forte ligação com a religião, com os irmãos do Islã e com o idioma de Allah. Uma possibilidade completamente distante da realidade de cada um no lado de fora daquele prédio localizado na movimentada rua do centro. As orações são um momento de união e aproximação com a comunidade religiosa e local. Muitos frequentadores são brasileiros

convertidos e o restante vem de países como Iraque, Afeganistão, Palestina, Senegal.

Diallo Alpha, como quer ser chamado, entra caminhando lentamente, cumprimenta-nos e à Mahmoud, senta no chão, encosta-se na parede, fecha os olhos, ora. O senegalês mora no Brasil há cerca de cinco anos. Hoje



Os muçulmanos são minoria no Brasil, mas na Turquia o símbolo do islã está na bandeira do país.

está formado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pensa em seguir os estudos cursando pós-graduação ou mestrado. O motivo para ter vindo morar em Porto Alegre foi apenas a universidade. Através do olhar e uma seqüência de respostas curtas, ele deixa claro que aquele não era um bom momento e lugar para conversas além da religião.

Sentados no chão, Mahmoud fala sobre o grande crescimento no número de adeptos ao Islã em todo o mundo, principalmente em países como França e Estados Unidos, onde cerca de 1,6 mil pessoas se convertem todos os anos. No centro islâmico de Porto Alegre, diz ele, ainda não é como em São Paulo – onde uma pessoa se converte a cada dia – mas há cerca de uma ou duas conversões a cada duas semanas. Todos são bem vindos:

– O Islã não faz distinção de nacionalidades, raça, cor, condição social. Um equívoco frequente, por exemplo, é relacionar os muçulmanos apenas ao povo árabe, já que pessoas de todo o mundo são adeptas à religião. A maior população muçulmana do mundo fica na Indonésia.

Recentemente o Vaticano anunciou que, pela primeira vez na história, o número de muçulmanos ultrapassa o de católicos no mundo. Islâmicos somam 1,3

Pouco antes do início da oração as questões convergem para a política, conflitos entre ocidente e oriente e a forma como a grande mídia judaico-cristã aborda a religião islâmica. Um dos muçulmanos presentes, um homem em torno de 50 anos, se aproxima e avisa de forma amistosa:

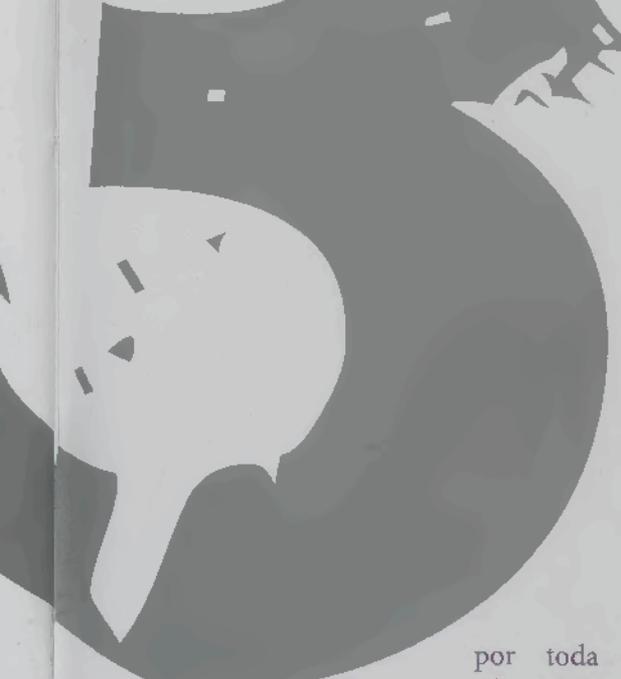
– Vamos falar sobre religião.

Ele abre o alcorão numa página qualquer e conversa com outros sobre dizeres do profeta. Mahmoud inicia uma série de explicações sobre as bases da religião (ver box na página ao lado). O Zakat, um dos pilares, parece representar certa evolução em relação a outras religiões. Estabelece um percentual de dois e meio por cento da renda anual de um muçulmano, descontados os gastos com necessidades básicas, que deve ser entregue a um pobre, diretamente, sem intermediários e sem o conhecimento dos outros.

Aparentemente, o Xequé é um jovem como qualquer outro porto-alegrense, veste roupas ocidentais, tem a cabeça raspada e uma barba não tão longa. Após o chamamento ele sobe em uma bancada e inicia o discurso de forma tranqüila, mas séria e incisiva, transmite força nas palavras pronunciadas em árabe. A história de um negro escravizado que durante um longo período foi torturado por manifestar sua crença no único Deus. “Deus é o único” ele dizia enquanto era arrastado pelas ruas e humilhado publicamente.

– Estas histórias não são contadas apenas para diversão. São histórias reais, contadas para mostrar que mesmo um homem oprimido, escravizado e torturado, não abriu mão de sua fé e continuou manifestando em voz alta a crença em seu único Deus – esclarece o homem que traduz o discurso para o português.

O Xequé termina e todos se levantam. Lado a lado sobre as listras marcadas no solo, unidos ombro a ombro em fileiras compactas



falam demais, sem conhecer a realidade dos muçulmanos e sem nunca ter aparecido numa Masjid.

Uma referência seria a associação feita pela imprensa da palavra jihad com a guerra santa. Em árabe, guerra significa Harb e a palavra jihad pode ser traduzida por “esforço”.

Descendente de turcos que viviam no deserto do sul do país, Phil manifesta sua posição em relação à possibilidade de entrada da Turquia na União Européia. Mais tarde, ele pede permissão para ver as anotações de um dos repórteres. Depois de ler, pede que seja retirada uma frase aparentemente inofensiva. Mas não para ele.

– É sobre política. Prefiro falar sobre religião.

A. retorna à conversa e enfatiza que não falam sobre política, não permitem entrevistas gravadas, fotografias ou filmagem e pede para retirar seu nome da reportagem. “Somos muito perseguidos”.

Mais um homem se aproxima:

– Eles são jornalistas. Phil continua:

– Conversamos entre nós sobre qualquer coisa relacionada à política. Aqui falamos de religião. E é muito difícil ser muçulmano no Brasil.

Compreensível apreensão em falar sobre política numa época em que são políticos os motivos que impulsionam pelo mundo as chamadas “guerras contra o terror”. No início do

por toda a sala, cerca de 60 pessoas em silêncio se curvam à Allah, ajoelham, encostam a cabeça no chão e rezam. Surgem vozes e soluços e os movimentos se repetem por mais três vezes. Ao final da oração as pessoas confraternizam e o clima de descontração retorna à mesquita.

Antes de sair aguardamos por ali quem geralmente realiza a oração em português. A. nasceu na Palestina e veio para o Brasil em 1989, quando seus irmãos já moravam no país. Em tom de brincadeira, diz ter vindo ao país por aventura, mas depois afirma que seu objetivo era mesmo servir a religião. Praticar e converter.

– cremos em todas as revelações de Deus. cremos que a Torá foi revelada a Moisés, os Salmos a Davi, o Evangelho a Jesus. O Alcorão é uma mensagem eterna revelada ao profeta Muhammad e um resumo histórico que esclarece muitos fatos mal interpretados pelo homem.

O Muazin do dia se aproxima e nos cumprimenta. Phil quer saber quem somos nós, o que fazemos ali e o que queremos.

– Acho bom que vocês tenham vindo aqui, porque muitos jornalistas

O Islã

A Oração (Asalat) – A conexão entre o servo e o seu criador, primeira obrigação a ser julgada no dia do juízo, são cinco distribuídas entre o dia e a noite, uma prática padronizada para todos os muçulmanos, dentro de horários determinados, a oração diferencia o muçulmano do incrédulo em Allah. Todo muçulmano se direciona à Mecca, com o coração e a mente puros para Allah, uma ligação entre o ser humano fraco incapaz com seu criador, o todo-poderoso. A ele se direciona pedindo perdão, ajuda e misericórdia, alimentando o coração com a paz, a força e a tranquilidade, e fortalecendo sua alma cinco vezes por dia.

A caridade (Zakat) – A palavra Zakat significa purificação. Uma obrigação de todo muçulmano rico, que retira uma porcentagem do seu dinheiro, ou outra fonte, é distribuído aos necessitados, garantindo assim ajuda social entre muçulmanos e prevenindo

problemas como a inveja e o ódio entre as diferentes classes sociais. A purificação do egoísmo.

O Jejum (Asiam) – É a aproximação de Allah, se abstendo de ingerir qualquer espécie de alimentos ou bebidas, fumar e ter relações sexuais durante o mês do Ramadan. Um ato para educar a alma, ensinar a disciplina e o costume de superar as vontades e prazeres.

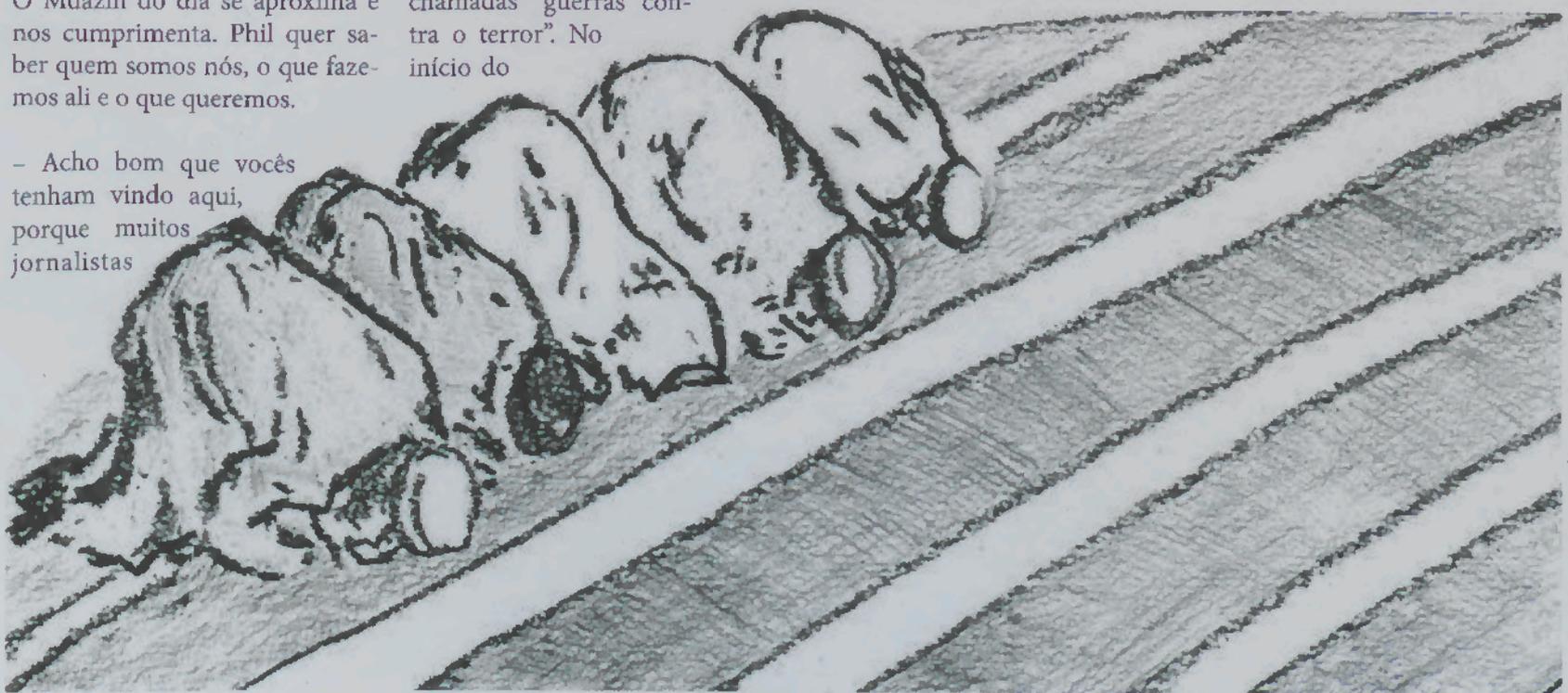
A Peregrinação (Alhaji) – Obrigação para todo o muçulmano capaz, fisicamente e financeiramente, de visitar a casa de Allah (Kaaba) em Mecca, para executar certos ritos definidos pela religião islâmica pelo menos uma vez na vida. No Hajj, um grande número de muçulmanos viaja de todos os lugares do mundo para obedecer Allah, provar sua dedicação à religião e unificar muçulmanos de todas as nacionalidades.

ano, o jornal inglês The Guardian publicou reportagens sobre a presença de “prisões flutuantes” para suspeitos de terrorismo em locais secretos como os grandes navios (USS Bataan e USS Peleliu) situados no território britânico de Diego Garcia, no Oceano Índico, desde 2001.

Análises da organização de Direitos Humanos Reprieve UK (www.reprieve.org.uk) apontam que estas prisões também funcionariam na Tailândia, Afeganistão, Síria, Jordânia, Marrocos, Egito, Polônia e Romênia. Prisioneiros, entre os quais muitos muçulmanos, são detidos sem julgamento e alegam torturas semelhantes às

comprovadas na conhecida e permitida base americana de Guantánamo, em Cuba. A organização do Reino Unido estima que o estado americano detenha atualmente pelo menos 26 mil pessoas sem julgamento e que mais de 80 mil já teriam ingressado no sistema desde 2001.

Enquanto nos despedíamos, na saída, um brasileiro – com cerca de 40 anos, calça social e camisa, as mãos entrelaçadas e apoiadas na cintura – chegava à mesquita para conhecer a religião e aguardava ser recebido. São cinco orações por dia e sua próxima seria às 15h45min.



FLAVIO AGUILAR





As margens

Por último, oferecem-se as margens. De todas, as mais óbvias, que contornam de águas o flanco em que repousa a cidade. Separam a placidez líquida do horizonte tenaz e denteado, a observar perenes o revolver intenso dos homens em seus arrabaldes. As margens não falam, não movem, apenas limitam. Diante delas, paira a imagem ribeira e convexa de um mundo que recobre outro, aquele que vive em suas profundezas. E, quando descontentes com os designios da natureza, os homens convocam do fundo do leito a terra negra e pura, que jamais presenciou as revoluções dos que a dragam à superfície, e lhe rogam por novas margens. E os homens, na ilusão de promover o infinito, vão transpondo suas fronteiras, sempre incapazes de apagá-las.

As margens são testemunhas incontestes de ambos os lados. São jacentes observadoras da luz que emana de um verso e da escuridão que sorve tudo noutra. Postas pelas intempéries e arbitrios, marcam um fim e um começo de domínios que, por encontrarem-nas entre si, opõem-se. O maciço e o fugaz, o opulento e o escasso, o perpétuo e o transitório, o certo e o incerto. Viver às margens é estar sob a constante ameaça de ter-se engolido pela sede de um dos lados, como quem vive numa palafita pantaneira ou na beirada dos morros. O destino é um só: tudo se afoga ou se soterra, aglutina-se num dos extremos, cede à sua pertença. E assim, muda-se a paisagem, mas não muda o fato de que sempre haverá uma elementar margem.

Pedro Argenti
pedroargenti@gmail.com

Foto: ANA LÚCIA MOHR



MARCIALLADE